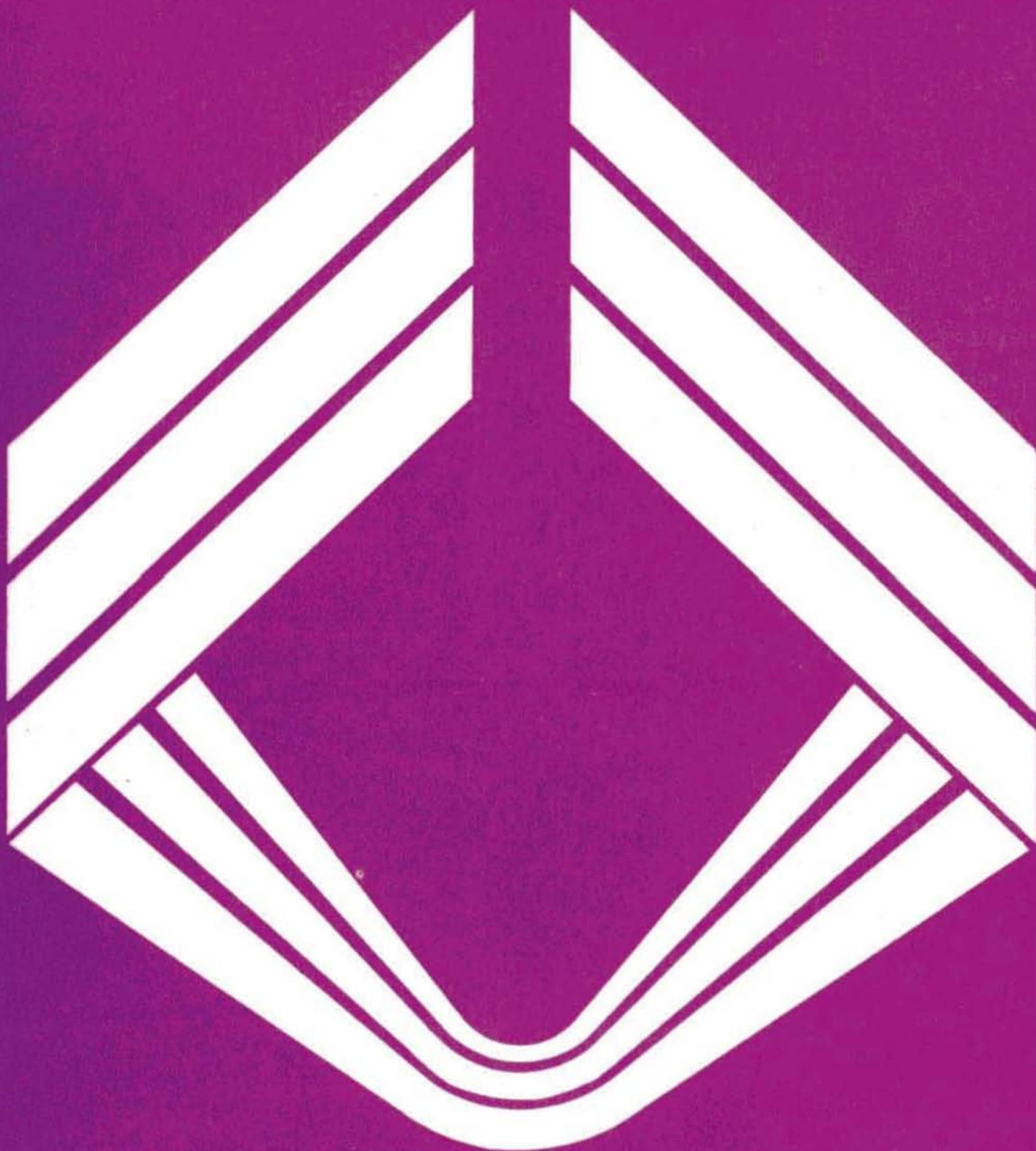


convergência

NOV — 1986 — ANO XXI — Nº 197



- **JOÃO PAULO II AOS SUPERIORES E SUPERIORAS MAIORES DO BRASIL** — página 515
- **ABERTURA DA XIV ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA CRB**
Irmão Claudino Falquetto, FMS — página 521
- **PARECER SOBRE O RELATÓRIO DE ATIVIDADES DA CRB:**

CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:

Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Pe. Ático Fassini, MS

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brunelli, PIDP

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ

Assinaturas para 1986

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:

Até 30.04.1986	Cz\$ 170,00
Exterior: marítima	US\$ 38,00
aérea	US\$ 48,00
Número avulso	Cr\$ 17,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

O Irmão Claudino Falquetto, FMS, Presidente Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil, lançou um concurso, em 1985, em todo o Brasil, para escolher o logotipo da CRB Nacional. Venceu o concurso o Arquiteto, Irmão Analino Zorzi, FSC, Religioso do Instituto dos Irmãos das

Escolas Cristãs, (Lassalistas), de Porto Alegre, RS. Aqui está a interpretação feita pelo Autor sobre a sua arte: "As três faixas representam os três votos que os religiosos professam. As faixas formam, visualmente, as mãos em oração, orientadas para cima, num sentido positivo, para o bem, para Deus. Ao mesmo tempo, uma faixa branca invade as mãos e as envolve: é o invisível mas presente SER que é Deus. A entrega, a oferenda do religioso e a aceitação e envolvimento de Deus estão expressos no conjunto do desenho. As mãos se encontram como os seres humanos se encontram em Deus. E é com suas mãos que os religiosos ajudam a transformar a realidade num mundo de justiça e fraternidade, servindo os homens, seus irmãos. Sugerimos a cor azul por lembrar o infinito de Deus e a eternidade do homem em Deus". Convergência vai publicar a arte do Irmão Analino Zorzi, FSC, em branco, vazado na cor, que varia em cada mês.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	513
JOÃO PAULO II AOS SUPERIORES E SUPERIORAS MAIORES DO BRASIL	515
ABERTURA DA XIV AGO DA CRB Irmão Claudino Falquetto, FMS	521
PARA REFORÇAR A COMUNHÃO Card. Jean Jérôme Hamer, OP	526
NA ABERTURA DA XIV AGO DA CRB Card. Paulo Evaristo Arns	528
NA ABERTURA DA XIV AGO DA CRB Dom Carlo Furno	531
MANHÃ DE ESPIRITUALIDADE NA XIV AGO DA CRB Card. Aloísio Lorscheider	548
PRIORIDADES E LINHAS DE AÇÃO: 1986-1989	562
A IGREJA E A NOVA CONSTITUIÇÃO DO BRASIL Pe. Fernando Bastos de Ávila, SJ	566

EDITORIAL

De 21 a 26 de julho de 1986, o Liceu Coração de Jesus, dos Revm^{os} Pes. Salesianos, em SÃO PAULO, acolheu a XIV Assembléia Geral Ordinária da CONFÉRENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. Com a participação de cerca de 600 pessoas, entre Superiores Maiores residentes no Brasil, Convidados, Observadores e Assessores, a Assembléia refletiu sobre o tema "A dimensão profética da Vida Religiosa no Brasil hoje", discernindo os rumos da CRB para o próximo triênio. O encontro foi marcado pela oração, pelo estudo, pela participação intensa e interessada, pela presença significativa do Cardeal Jean Jérôme HAMER, OP, Prefeito da Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, e particularmente pela Carta que o Papa JOÃO PAULO II solicitamente enviou aos Superiores e Superiores Maiores reunidos na XIV AGO.

A Assembléia, preparada pelos quadros da CRB Nacional e pelas 17 Secções Regionais da CRB que recolheram as reflexões de Províncias e Comunidades sobre o profetismo da Vida Religiosa, desenrolou-se em miniplenários e plenários para avaliar sinais e desafios vividos hoje pelos Religiosos no Brasil, e em painéis sobre áreas de atuação e interesse da Vida Religiosa, até se chegar, com a ajuda da Equi-

pe de Reflexão Teológica e das Assessorias Nacionais da CRB, às Prioridades da CRB para o triênio 1986-1989.

CONVERGÊNCIA quer participar a seus leitores os momentos mais fortes da caminhada vivida pela Assembléia, enfatizando as contribuições de conteúdo mais denso e alguns expedientes significativos.

Na sessão de abertura, além do Presidente Nacional da CRB, fez uso da palavra o Cardeal HAMER, OP, manifestando sua alegria de poder, com sua presença, "reforçar os laços de comunhão" entre a Sé Apostólica e a Vida Religiosa no Brasil. No final de sua alocução, entregou a Mensagem do Papa à Assembléia, lida e acolhida pelos presentes em pé, com aplausos e cantos. O tema da Carta centraliza orientações claras para a formação à Vida Religiosa, e para a desafiadora missão das Religiosas e Religiosos junto ao povo brasileiro. "Anima-vos aquilo que é o sentido ínsito à vida consagrada: crescer no conhecimento e no amor, para serdes testemunhas e profetas de Cristo no mundo de hoje, em fidelidade dinâmica à vocação religiosa e ao carisma dos vossos Fundadores. Tendes diante dos olhos, como um livro aberto, a grande população do Brasil, com toda

a sua realidade histórica, social e religiosa; e a vossa mente se abre também para todos os povos do mundo, que vos interpelam e representam um desafio à criatividade e à capacidade evangelizadora de toda a Igreja, mas particularmente dos Religiosos e das Religiosas, suscitados por Deus para serem pioneiros nos caminhos da missão e nas sendas do Espírito" (nº 1º).

A seguir, deixaram sua mensagem D. PAULO EVARISTO ARNS, OFM, Cardeal-Arcebispo de SÃO PAULO, o Núncio Apostólico D. CARLO FURNO, D. IVO LORSCHETER, Presidente da CNBB, D. LUCIANO MENDES DE ALMEIDA, SJ, Secretário Geral da CNBB, e D. ALOÍSIO LORSCHER que orientou uma manhã de espiritualidade.

As palavras desses Pastores repercutiram nos trabalhos da Assembléia e certamente influíram no espírito e no texto das Prioridades para o novo triênio. Dessas Prioridades, meditadas e assumidas a nível nacional, regional e mesmo pessoal, depende em grande parte o desenrolar do processo de renovação da Vida Religiosa nos próximos anos.

Em definitivo, a Prioridade é uma só: "O compromisso de viver a dimensão profética da Vida Religiosa".

Para implementar essa Prioridade exige-se:

a) missão encarnada em contexto sócio-eclesial, criticamente discernida;

b) coragem para assumir a opção pelos pobres segundo o próprio carisma congregacional;

c) experiência de Deus presente na história dos homens.

A Assembléia propôs também Linhas de Ação na direção da Vida Religiosa inserida em meios populares, na da Formação à Vida Religiosa, na da Vida Religiosa a serviço da Saúde e Educação, na da Vida Religiosa face ao Envio AD AGENTES e face aos Meios de Comunicação Social.

A XIV Assembléia Geral Ordinária da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL patenteou um profundo amor dos Religiosos e Religiosas à Igreja e seus Pastores. Expressou autêntica espiritualidade através de liturgias participadas, dinâmicas e comprometedoras, presididas pelos Srs. Bispos presentes. Vivenciou genuína fraternidade manifestada em inúmeros gestos de entreajuda. Propiciou reflexões centradas na Palavra de Deus, na situação do povo, nos carismas e na missão encarnada.

Pode-se afirmar que a Assembléia foi uma graça, um momento forte de experiência de Deus nos caminhos da Vida Religiosa.

Irmão Claudino Falchetto, FMS
Presidente Nacional da CRB.

JOÃO PAULO II

AOS SUPERIORES E SUPERIORAS MAIORES DO BRASIL

Amados irmãos e irmãs:

1. "Graça e paz vos sejam dadas da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo!" (1 Cor 1,3).

Encontrais-vos reunidos nesta XIV Assembléia Geral da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) como os Apóstolos no Cenáculo, em comunhão entre vós, com os vossos Bispos e o vosso povo; e, ao mesmo tempo, com o Papa e com toda a Igreja. E "a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho, Jesus Cristo" (1 Jo 1,3). Anima-vos aquilo que é o sentido ínsito à vida consagrada: crescer no conhecimento e no amor, para serdes testemunhas e profetas de Cristo no mundo de hoje, em fidelidade dinâmica à vocação religiosa e ao carisma dos vossos Fundadores.

Tendes diante dos olhos, como um livro aberto, a grande população do Brasil, com toda a sua realidade histórica, social e religiosa; e a vossa mente se abre também para todos os povos do mundo, que vos interpelam e representam um desafio à criatividade e à capacidade evangelizadora de toda a Igreja, mas particularmente dos Religiosos e das Religiosas, suscitados por Deus para serem pioneiros nos caminhos da missão e nas sendas do Espírito.

É para mim grata a oportunidade de vos dirigir esta mensagem, para que a nossa alegria seja completa (cf. 1 Jo 1,4).

Queria exprimir, em primeiro lugar, a minha estima para com todos os Religiosos e Religiosas do Brasil e o meu apreço pelo testemunho admirável de oração e de empenho apostólico que continuam a dar, sem olhar a sacrifícios, guiados pelo amor e animados pela esperança. Os números falam por si: mais de 38.220 Religiosas, 7.716 Religiosos sacerdotes, 2.547 escolásticos que se preparam para o Sacerdócio, 2.391 irmãos leigos, 2.783 noviços e noviças, estão ao serviço do reino de Deus na Igreja que está no Brasil (**Departamento Estatístico do CERIS, 1984**). É também significativo o fato de quase a metade dos Bispos, exatamente 168, serem Religiosos, e de um grande número de consagrados brasileiros estarem ao serviço da Igreja universal, em países de missão. E também a vida contemplativa se apresenta florescente, com 107 mosteiros femininos e 19 mosteiros masculinos.

Faço minhas as palavras do meu Predecessor Paulo VI: "Sim, verdadeiramente a Igreja deve-lhes muito" (Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 69). Confortado pelo testemunho dado pelos Bispos brasileiros acerca da vida religiosa, no decor-

rer das recentes visitas "ad limina Apostolorum", acrescento: a Igreja agradece-vos e conta convosco.

2. Querendo participar nos vossos trabalhos, não só com a oração, mas também com esta Mensagem que confio ao Senhor Cardeal Dom Jean Jérôme Hamer, Prefeito da Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares, desejo chamar a vossa atenção para alguns pontos fundamentais a respeito da formação, na linha do Concílio Vaticano II e do recente Sínodo Extraordinário dos Bispos.

Vós sabeis que a vitalidade das Famílias religiosas, a qualidade e a criatividade do serviço apostólico e a eficácia da ação profética dependem, em grande parte, da formação inicial e permanente dos que são chamados a tão nobre missão. Sei que é para vós preocupação constante esta formação. Com efeito, para assegurar às novas gerações, aos formadores e às formadoras e a todos os Religiosos e Religiosas uma preparação adequada, criastes e lançastes mão de numerosas formas de cooperação; e acompanhais, com olhar vigilante, as várias iniciativas surgidas para o seu crescimento e sua organização específica, haurindo inspiração da Palavra de Deus, atentos aos ensinamentos do Magistério da Igreja e tendo presente a realidade concreta.

3. Considerando a formação em todos os seus aspectos, parece ser muito oportuno o tema que vos propusestes examinar. A dimensão profética da vida religiosa nasce, efetivamente, da sua inserção em Cristo, o Profeta por excelência; a sua au-

toridade não é delegada, como no Antigo Testamento, porque Ele é o Filho Unigênito. Ele anuncia a salvação e ao mesmo tempo a realiza; transmite ao povo a Palavra do Pai; Ele mesmo é a Palavra encarnada, que não veio para condenar, mas para irradiar universalmente o amor que regenera; leva o homem a pôr-se bem frente a Deus, para que possa descobrir a Sua presença, retornar a Ele, acolhê-lo como Pai, partilhar com Ele o seu desígnio e, como filho, tornar-se em Cristo construtor de um mundo novo.

Os Religiosos, de fato, em virtude do seu Batismo, participam por Cristo e pelo dom do Espírito na missão profética de toda a Igreja, que se exprime, fundamentalmente, na escuta e no anúncio da Palavra e no testemunho de vida; ou seja, no Evangelho meditado, proclamado e vivido.

Além disso, dado que a vida religiosa costinua a representar na Igreja a mesma condição de vida que o Filho de Deus abraçou, quando veio ao mundo para fazer a vontade do Pai (cf. Const. dogm. *Lumen gentium*, 44), ela proporciona a todo o Povo de Deus um testemunho que bem podemos denominar profético. Em primeiro lugar, pela expressão multiforme de vida evangélica com a qual as pessoas consagradas tornam viva e presente a riqueza do mistério de Cristo, seguindo os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, e as peculiares opções, sempre a partir do Evangelho, contidas nos carismas dos Fundadores. Deste modo, a radicalidade da seqüela de Cristo e da dedicação total ao serviço da Igreja

faz de cada comunidade religiosa e de cada um dos seus membros um sinal de vida evangélica e um testemunho vivo e interpelante que atrai o povo de Deus para o caminho da santidade e da doação pessoal ao serviço dos irmãos.

A mensagem que a vida religiosa proclama não é sua; mas é-lhe confiada por Cristo e pela Igreja. E, mais ainda, a consagração religiosa, vivida como aliança sponsal e comunhão de amor com Deus, está na origem de uma genialidade apostólica que suscita só por si a admiração (cf. Exort. Apost. Evangelii Nuntiandi, 69). O seu testemunho, para muitos jovens e adultos, torna-se mediação segura para a descoberta da própria vocação e convite jubiloso para seguir a Cristo com o coração indiviso.

Abrem-se novas e maravilhosas perspectivas, para a formação das novas gerações e para o próprio povo de Deus se renovar, quando se aprofunda a vocação religiosa em todas as suas dimensões, à luz da vida da Igreja e do ensino do Concílio Vaticano II.

Exorto-vos, meus amados Irmãos e Irmãs, a fazer este aprofundamento, com renovado empenho e com simplicidade de coração, para apresentar aos jovens e a todos os chamados os valores profundos que lhes expliquem o significado da sua vida e da sua particular presença no povo de Deus. Os jovens têm direito a esta visão ampla e aprofundada. Eles não nos pertencem a nós; mas a Cristo e ao Pai, como cada um de nós. Com eles e todos em conjunto, ligados pelos vínculos

do amor (cf. Jo 13; LG 9; GS 38), constituímos a família de Deus, chamada a ser fermento e alma da humanidade (cf. Const. past. Gaudium et Spes, 40).

4. O fato de estarmos cômnicos dos apelos da hora atual e da história, bem como das nossas responsabilidades, impõem-nos assegurar aos jovens, Religiosos e Religiosas, uma formação adequada, o mais completa possível, em fidelidade dinâmica a Cristo e à Igreja, ao carisma do Fundador e aos homens do nosso tempo.

No encontro de Porto Alegre com os vocacionados e seus formadores, durante a minha visita pastoral ao Brasil, a 5 de Julho de 1980, fiz uma pergunta aos responsáveis da formação que desejo apresentar mais uma vez, no contexto dos vossos trabalhos: "Na hora atual, decisiva para o próprio destino e para o do mundo, terá o Brasil Seminários, Casas religiosas de formação ou outras instituições eclesísticas, terá sobretudo os reitores e mestres capazes de prepararem Sacerdotes e Religiosos à altura dos problemas postos por uma população em contínuo aumento e com exigências pastorais cada vez mais vastas e complexas?" Aludia na mesma altura a alguns problemas que me pareciam prioritários, no intuito de dar estímulo a uma ulterior reflexão e busca. Trata-se de problemas que já tiveram algumas respostas no decorrer destes os últimos anos; mas permanecem sempre atuais e precisam de ser objeto de contínua consideração para bem da Igreja e da vida religiosa e sacerdotal.

Seja-me permitido agora propor à vossa atenção mais alguns pontos, respeitantes à formação das novas gerações, que me estão particularmente a peito, não perdendo nunca de vista a Igreja universal e tendo bem presentes as vossas responsabilidades, quanto ao presente e quanto ao futuro.

Não obstante as grandes necessidades apostólicas e as situações prementes, em que as Famílias religiosas exercem suas atividades, continua a ser prioritário um cuidado esmerado na escolha e na preparação dos formadores e das formadoras. Trata-se de um dos ministérios e serviços à Igreja dos mais difíceis e delicados, que precisa de todo o vosso apoio e confiança.

Os formadores e as formadoras encontrarão sempre nos documentos do Magistério da Igreja o caminho seguro da doutrina e da vida, com a qual se devem identificar, para oferecer aos jovens formandos, Religiosos e Religiosas, os conteúdos de pensamento e de estilo concreto de vida consagrada. É um direito que deve ser respeitado; é uma expectativa que não pode ser desiludida, a fim de a vida religiosa, inserida plenamente na Igreja, ser sempre alimentada com a própria verdade que a Igreja propõe para os seus filhos, para que não sejam discípulos senão do único Mestre que é Cristo.

Os jovens e as jovens têm necessidade sobretudo de mestres que sejam para eles: pessoas totalmente de Deus, conhecedoras respeitadas do coração humano e dos caminhos do Espírito, capazes de responder

às suas exigências de sempre crescente interioridade, de experiência de Deus e de fraternidade e de iniciação à missão. Formadores que saibam educar para o discernimento, a docilidade e obediência, a leitura dos sinais dos tempos e das necessidades do povo, e para responder a esses sinais, com solicitude e audácia, mas em plena comunhão eclesial.

A Conferência dos Religiosos do Brasil está chamada a desempenhar um papel importante neste campo, quer transmitindo com fidelidade as orientações da Igreja, quer estimulando a colaboração intercongregacional e providenciando, com iniciativas apropriadas, à preparação dos formadores. Atuando em sintonia com o Episcopado, em todos os níveis (nacional, regional e diocesano), vós, Superiores e Superiores maiores, podereis aproveitar do trabalho dos colaboradores melhores de cada Instituto; e, correlativamente, prestar serviços, que não só ajudem a superar eventuais limitações, mas criem um estilo válido de formação para a vida religiosa.

Estas iniciativas intercongregacionais ajudarão, ao mesmo tempo, a valorizar os carismas específicos, desenvolvendo a comunhão e a consciência da complementaridade na fraternidade e abrindo os horizontes da caridade para a Igreja universal e para toda a Igreja local, em ordem a uma ação evangelizadora e pastoral mais unitária e eficaz, sob a orientação dos Bispos.

5. Tudo isto requer, evidentemente, além de uma presença ativa e discreta dos formadores e de vos-

sa parte, como Superiores, um acurado e tempestivo discernimento vocacional. As necessidades e urgências apostólicas nunca justificarão um discernimento apressado e uma inadequada preparação para o noviciado. Para o próprio amadurecimento, a pessoa tem necessidade de percorrer um itinerário de fé e de empenho no serviço, gradual e personalizado. A iniciação à vida religiosa malograr-se-á se vier a faltar uma verdadeira conversão e uma autêntica opção por Cristo, na liberdade e na experiência do seu amor, porque "o chamado para o caminho dos conselhos evangélicos nasce do encontro interior com o amor de Cristo, que é amor redentor" (Exort. Apost. Redemptionis donum, 3).

Toda a formação religiosa se desenrola em torno do eixo da seqüela de Cristo, pela participação intensa nos seus mistérios atualizados na liturgia e vividos na Igreja, pela crescente doação de si mesmo aos irmãos, segundo a sensibilidade própria da vocação específica, na assimilação e participação progressiva do carisma do Fundador.

A seqüela de Cristo leva a compartilhar, cada vez mais consciente e concretamente, o mistério da sua paixão, morte e ressurreição. O Mistério pascal deve ser como que o coração dos programas de formação, enquanto é fonte de vida e de maturidade. É sobre este alicerce que se forma o homem novo, o religioso e o apóstolo.

A formação requer períodos de tempo adequados e um programa orgânico, completo, exigente, estimulante, aberto e claramente inspira-

do na norma das normas da vida religiosa, qual é o seguimento de Cristo, e no carisma do Fundador. Exige para todos, mas em particular para os Religiosos chamados ao Sacerdócio, uma sólida formação teológica, bíblica e litúrgica, como se encontra indicado nas normas da Igreja universal e local e de cada Instituto.

São necessários, por fim, os locais de formação susceptíveis de assegurar, efetivamente, a consecução dos objetivos próprios de cada fase da formação. Será bom, portanto, que os jovens, durante o período de formação, residam em comunidades formativas, onde não há de faltar nenhuma das condições requeridas para uma formação completa: espiritual, intelectual, cultural, litúrgica, comunitária e pastoral; condições estas, que, raramente, se podem encontrar todas nas pequenas comunidades. É sempre indispensável, no entanto, ir beber na experiência pedagógica da Igreja tudo aquilo que nos permite avaliar do acerto com que se processa e enriquecer a formação em uma comunidade adequada às pessoas e à sua vocação religiosa e, em alguns casos, sacerdotal.

Quer esta formação se realize totalmente no interior dos vossos Institutos, quer seja confiada parcialmente a iniciativas intercongregacionais, a vossa função de Superiores e Superiores maiores é sempre muito importante no processo de formação dos vossos candidatos, cujas responsabilidades, diante de Deus e da Igreja, pesa sempre sobre vós.

6. A Igreja que está no Brasil requer uma pastoral de muito empenhamento; é, sem dúvida, uma Igreja viva e dinâmica; mas os trabalhadores são poucos. É fácil, portanto, correr-se o risco de cair no ativismo, que poderia levar a um esvaziamento espiritual e a um cansaço precoce. Daí resulta a urgência de uma formação constante, para revitalizar as forças espirituais daqueles que se dedicam ao serviço da evangelização, em qualquer campo e situação. É tarefa que se impõe a todos os Institutos religiosos, portanto, programar e realizar um plano adequado de formação permanente, para os seus membros. Um programa que não vise somente a formação da inteligência, mas de toda a pessoa, principalmente na sua dimensão espiritual, para que todos os Religiosos e Religiosas possam viver em plenitude a própria consagração a Deus, na missão específica que lhes foi confiada pela Igreja.

7. Meus amados irmãos, Superiores e Superiores maiores: quis partilhar convosco, alguns pensamentos que animam a nossa oração e reflexão na caminhada da Igreja e da vida religiosa na história, no limiar do ano 2000. O mun-

do em que vivemos, hoje mais do que nunca, tem necessidade de ver em vós homens e mulheres que acreditaram na Palavra do Senhor e apostaram no amor. No intuito de que vossa vida, florescendo e frutificando no amor indiviso pelo Senhor, seja cada vez mais vivificante para toda a Igreja e para o mundo, procurei encorajar-vos a "trazer para o hoje da vida e da missão de cada Instituto aquele arrojo com que os Fundadores se deixaram conquistar pelas intenções originárias do 'Espírito'" (Cong. para os Religiosos e os Institutos Seculares, Religiosi e Promozione Umana, de 25 abril de 1978, nº 30), acentuando sobretudo a urgência de uma sábia formação das novas levas de almas enamoradas de Jesus Cristo.

Que Maria, modelo de todos os consagrados, seja vosso sustentáculo na caminhada, reavive em vós a plena comunhão e a alegria de pertencerdes a Cristo e fortifique o vosso zelo apostólico! Com minha afetuosa e ampla Bênção Apostólica.

Vaticano, 11 de Julho de 1986.

Joannes Paulus, PP II

"Para se ter vida plena, o fundamental é amar. A ausência, porém, de atos concretos de amor caracteriza a sua inautenticidade teórica e denota a sua falsidade na prática" (quarta capa, *Convergência*, outubro/86). O afeto abstrato é tão abominável quanto o rastro do ódio. Só o amor manifesto constrói e produz fraternidade e paz. Ninguém se convence pelas boas intenções de quem quer que seja. Muita palavra e pouca ação revela falta de coragem, sobra de pusilanimidade, a eloquência murcha dos que mentem.

ABERTURA DA XIV AGO DA CRB

Irmão Claudino Falchetto, FMS
Presidente Nacional da CRB

1 — Esta é a XIV AGO da CRB Nacional. Nos seus 32 anos de existência a CRB Nacional sempre deu privilegiada importância às Assembleias Gerais porque é delas que partem as grandes linhas do processo de caminhada de toda a Vida Religiosa no país. Além disso a Assembleia Geral, por ser o organismo decisório máximo de qualquer Sociedade, configura também as reais características da instituição. Os Superiores Maiores são os vogais com plenos direitos e de suas decisões emanam os rumos da instituição. Este fato, inscreve a CRB entre os organismos próprios de Superiores Maiores. Sobre as deliberações dos Superiores Maiores será posteriormente montada a programação das atividades tanto da Nacional, quanto das 17 Regionais, visando sempre a Animação e Promoção da Vida Religiosa, objetivo estatutário da CRB.

2 — A presente Assembleia, pela temática a ser abordada quer proporcionar verdadeira experiência fraterna de vida religiosa e de discernimento no Espírito, na busca de objetivos comuns. A caminhada da Vida Religiosa nos últimos 20 anos, de acordo com a avaliação do Sínodo Extraordinário de 85 está a exigir um aprofundamento teológi-

co e uma revitalização espiritual das grandes linhas do Concílio Vaticano II. O tema: "A Dimensão PROFÉTICA da Vida Religiosa", que aprofundaremos nesta Assembleia, vai muito além das mais evidentes conceituações relacionadas com anúncios e denúncias; desce ao âmago da própria consagração religiosa, encontra apoio e alicerce no Senhor Jesus e no fundamental projeto de seu seguimento. A Vida Religiosa é por essência profética. Radicada na dimensão carismática da Igreja, é livre, pode e deve, por consequência, apresentar-se ao mundo e à sociedade como iluminadora dos valores evangélicos. É consolador averiguar a força interior de tantos religiosos, espalhados por esse Brasil continental, que a partir do seguimento de Jesus Cristo testemunham profeticamente o Evangelho para o povo de Deus e para a Igreja. A partir do Vaticano II e na esteira das corajosas opções do Episcopado latino-americano, a Vida Religiosa ganhou qualitativamente naqueles segmentos que mais se projetaram no esforço de renovação e na resposta aos desafios da Igreja. Hoje como nunca a Vida Religiosa constitui-se num incomparável patrimônio espiritual e na maior força pastoral à disposição da Igreja no Brasil.

3 — Sentimos também que sempre mais se expande a consciência fraterna da complementariedade intercongregacional e o espírito de cooperação entre os religiosos. Mede-se este fato consolador pela crescente participação nos cursos, seminários, encontros de formação em diferentes níveis, nas assessorias tanto das Regionais, quanto da Nacional. Há muito mais religiosos participando hoje da vida da CRB, graças às bem sucedidas tentativas de operacionalizar a proposta de descentralização votada numa das Prioridades da última Assembléia.

4 — Esta XIV Assembléia responde também aos anseios de corresponsabilidade participativa e de descentralização. As reflexões que faremos aqui partem da contribuição advinda das bases, das comunidades, das Congregações, dos Conselhos Provinciais, das Regionais, das Assessorias, de milhares de religiosos que, em sintonia, se debruçaram prática e reflexivamente sobre o tema do Profetismo da Vida Religiosa. Esta Assembléia pode auscultar o coração da Vida Religiosa em nosso país. Oportunamente voltaremos à questão do tema, quando se apresentará a gênese e a dinâmica da presente Assembléia.

5 — As pretensões de quem imaginou e de quem veio a este conclave passam certamente pelo discernimento reflexivo e orante e pela busca de uma renovada fidelidade prospectiva. O tema nos permite em suas grandes linhas:

1) uma aproximação teológica da Vida Religiosa, que na sua es-

sência nos remete ao Espírito e aos Fundadores;

2) uma análise da realidade da Vida Religiosa como resposta às diferentes mediações apostólicas;

3) uma elaboração de respostas concretas de ação, dentro da atual conjuntura, confrontadas com as propostas de renovação suscitadas pelo Concílio Vaticano II.

6 — Essas grandes linhas somente serão iluminadas e implementadas, e somente nos levarão a propostas dinamizadoras e canalizadoras dos trabalhos da CRB para o próximo triênio, mediante a plena participação dos Superiores Maiores, primeiros responsáveis pela renovação da Vida Religiosa.

7 — Temos a alegria de contar, hoje com a presença de S.Emcia. o Cardeal Jean Jérôme Hamer, OP, Prefeito da Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares. Temos certeza, Sr. Cardeal, de que sua presença há de estreitar ainda mais a comunhão dessa parcela da Vida Religiosa de nosso continente com a Sé Apostólica.

8 — Os Superiores Maiores desta Assembléia, Sr. Cardeal, representam os 48.267 religiosos (Dados do A.C.85) espalhados por esse Brasil afora, tentando viver com amor e fidelidade o Seguimento de Jesus Cristo, a consagração e o serviço aos irmãos. São 38.220 religiosas, 7.716 religiosos sacerdotes e 2.331 Irmãos, distribuídos em 9.062 comunidades, que enriquecem a Igreja através das mais diferentes mediações apostólicas. Dentre as

548. Congregações ou Ordens muitas nasceram em terras brasileiras e 126 comunidades dedicam-se à pura contemplação. Grande é a responsabilidade dos religiosos na área da educação e no setor da saúde. Mais de 20.000 religiosos e religiosas se empenham na formação das novas gerações deste país jovem em escolas, universidades e centros comunitários e lutam pela defesa da vida, seja em instituições hospitalares, seja na saúde preventiva e comunitária. Outros muitos religiosos doam a própria vida em regiões agrestes e insalubres tanto no aspecto geo-climático quanto no aspecto sócio-econômico, vivendo e convivendo com os deserdados dos bens deste mundo.

9. Essa Vida Religiosa, Sr. Cardeal, busca e quer constantemente ser fiel ao Evangelho e à Igreja no aqui e agora de nossa realidade. Podemos afirmar e confirmar nossa comunhão com o episcopado, com a CNBB, com as Igrejas particulares. Podemos apresentar nossos mártires, religiosas e religiosos que derramaram o próprio sangue por Jesus Cristo presente nos empobrecidos, nos injustiçados, nos fracos.

Essa é a vida religiosa aqui presente: rica e pobre, santa e pecadora, sempre a caminho e sempre generosa.

10. Seja bem-vindo, Cardeal Hamer! Desde já agradecemos seu carinho para conosco e receba nossa efusiva homenagem.

11. Muito nos honra também a presença de Dom Paulo Evaristo Arns, OFM, em cuja circunscrição eclesiástica realizamos nosso encon-

tro. Conhecemos o incentivo e o acompanhamento que V.Emcia, dá aos religiosos desta Igreja. Agradecemos seu exemplo de pastor solícito e sua presença aqui, em nossa Assembléia.

12. Saudamos e agradecemos especialmente ao Sr. Núncio Apostólico, Dom Carlo Furno, pela honrosa presença. É a 2ª vez que V.Excia. se faz presente em nossa Assembléia Nacional. Como representante permanente do Santo Padre em nossa pátria rendemos-lhe nossa homenagem obséquiosa. Sinta-se cordialmente acolhido, Sr. Núncio.

13. Uma das características da Igreja do Brasil, repetimos, é o excelente entendimento e a profunda comunhão alcançados entre a Conferência Nacional dos Bispos e a Conferência dos Religiosos. Ao reconhecer mais uma vez esta graça do Espírito homenageamos nossos bispos e a CNBB, aqui representada na pessoa do Presidente, Dom Ivo Lorscheiter, pelo Secretário Geral, D. LUCIANO MENDES DE ALMEIDA, SJ e por Dom Davi Picão, Responsável pela Vida Consagrada, junto à CNBB. Reiteramos nosso reconhecimento e nosso apoio, reafirmando nosso anseio de plena comunhão. Louvado seja o Senhor pelos pastores que nos concedeu.

14. Destacamos a fraternidade dos padres salesianos que nos abriram as portas deste Liceu Coração de Jesus. Homenageamos esses beneméritos bandeirantes da Igreja do Brasil, desbravadores evangélicos das florestas amazônicas e incansáveis condutores da juventude bra-

sileira. Nossos agradecimentos às Comunidades da Inspetoria e do Liceu. Deus lhes pague pelo serviço que nos prestam.

15. Saudamos com respeito e gratidão os representantes de organismos nacionais e internacionais, aqui presentes:

— Pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais, recebemos cordialmente D. Afonso Felipe Gregory, Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro e mui digno presidente do CERIS a quem agradecemos toda a colaboração.

— Pela Associação de Educação Católica do Brasil (AEC) acolhemos fraternalmente a Secretária Executiva, Irmã IDA POSSAP.

— Pela União dos Superiores Gerais (USG) honra-nos a pessoa do Pe. Calisto Vendrame, MI, Superior Geral dos Camilianos.

— Pela União das Conferências Européias de Superiores Maiores (UCESM) Pe. Pier Giordano Cabra, também presidente da Conferência dos Superiores Maiores da Itália (CISM), e Superior Geral da Congregação da Sagrada Família.

— Pela Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR) encontram-se entre nós o Presidente, Pe. Luís Ugalde, SJ e a Secretária Geral, Irmã Hermengarda Alves Martins, RSCJ.

— Pela Conferência de Religiosos da Holanda-AMA, saudamos o Pe. KAREL Weerkamp, também responsável pelo Departamento Missionário de Religiosos e agradecemos

a valiosa ajuda aos programas para as Contemplativas.

— Pelos organismos internacionais de apoio aos objetivos e às atividades da CRB declaramos nossa gratidão ao Adveniat, à Misereor e à Ação Quaresmal. Embora não tenham enviado representantes, manifestaram-se presentes, por carta. A esses organismos a CRB é devedora, em grande parte, de sua sobrevivência financeira.

16. Saudamos e acolhemos com alegria os eméritos presidentes da Conferência dos Religiosos do Brasil que tanto fizeram para a implantação e a consolidação da CRB: Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ e Pe. Décio Batista Teixeira, SDB. Sua presença nos dá segurança e incentivo.

17. Saudamos a presença e agradecemos o apoio, a orientação e acompanhamento dos membros do Conselho Superior e do Conselho Fiscal, sempre fraternos e perspicazes em suas análises e observações.

18. Em nome da Diretoria Nacional que termina seu mandato trienal, o testemunho da sincera gratidão àqueles que doaram tempo, talentos e esforços para que a CRB prosseguisse na missão de Animar e Promover a Vida Religiosa.

19. Referimo-nos, em primeiro lugar, à equipe do Executivo Nacional, sempre dedicada e criativa, eficiente e perseverante, fraterna e corresponsável. Agradecemos igualmente às respectivas Congregações que entenderam o alcance multiplicador e eclesial na liberação, para a CRB, de um de seus membros.

20. Referimo-nos às qualificadas e diferentes Assessorias que permitem iluminação e acompanhamento de todo o processo de renovação, através de propostas e de atividades condizentes com as exigências atuais. Lembro:

— A Equipe de Reflexão Teológica, no seu 14º ano de colaboração.

— O Grupo de Reflexão sobre Educação — GRE.

— O Grupo de Reflexão sobre Saúde — GRS.

— O Grupo de Reflexão sobre Inserção nos meios populares — GRI.

— O Grupo de Reflexão para a Formação — GRF.

— A Equipe de Coordenação do Programa Formadoras Contemplativas — PRO-FOCO.

— A Equipe de Coordenação das Superiores Gerais Brasileiras — SGB.

Sua colaboração foi inestimável e lhes somos gratos!

21. Referimo-nos às Diretorias das 17 Regionais, aqui representadas por seus Presidentes, e referimo-nos igualmente agradecidos aos Executivos nas Regionais sempre muito eficientes na colaboração e abertos na unidade.

22. Referimo-nos e destacamos o afeto, a amizade, a dedicação cons-

tante e a colaboração preciosa de nossos funcionários, tanto da Sede Nacional, alguns deles aqui presentes, como também os das Regionais.

23. Apresentamos à Assembléia e desde já agradecemos a presença e a colaboração do Pe. José Marins e da Irmã Carolee Chanona, equipe experiente e dedicada à Igreja, que se dispôs a nos assessorar nesta Assembléia.

24. Ao abrirmos os trabalhos desta XIV Assembléia Geral Ordinária da CRB Nacional saudamos os Superiores Maiores, os vogais, os convidados, os observadores e auxiliares, dando-lhes as boas vindas, invocando a luz e a força do Espírito Santo, a fim de que Ele nos alcance o dom: do discernimento e da fidelidade: discernimento dos sinais e da vontade de Deus para o próximo triênio; fidelidade ao Senhor Jesus, que no Seu seguimento nos interpela através da realidade, da Igreja e de nossa Consagração específica. Invocamos igualmente a presença materna de Maria, primeira cristã e fiel discípula. Que Ela nos encontre disponíveis e dóceis, fraternos e corresponsáveis, certos de que em nossas mãos repousam os destinos da CRB, no triênio que hoje alvorece.

Declaro aberta a XIV Assembléia Geral da CRB Nacional!

São Paulo, 21 de julho de 1986.

Conflito: passagem obrigatória para se responder e corresponder a Deus.

PARA REFORÇAR A COMUNHÃO

Cardeal Jean Jérôme Hamer, OP.

Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos
e Institutos Seculares, à XIV AGO da CRB

Estou muito feliz por encontrar-me aqui, hoje, no meio de vós. Vós me convidastes a vir, desejastes a minha presença para reforçar a comunhão com a Sé Apostólica. Não há objetivo que melhor possa responder às minhas próprias intenções.

Reforçar a comunhão eclesial deve ser nossa constante preocupação. É o vosso objetivo. É o de toda a Igreja que vive do Espírito.

Em menos de um ano participei de dois grandes eventos que tinham por finalidade reforçar a Comunhão:

— o Sínodo dos Bispos, nos passados meses de novembro e dezembro, o qual assumiu como tarefa celebrar, verificar e promover o ensinamento do Vaticano II, em vista de maior assimilação dessa mensagem;

— a Visita Ad Limina do Episcopado brasileiro e sua conclusão num encontro de trabalho de três dias com o Santo Padre que reunira, com essa finalidade, de 13 a 15 de março, 21 Bispos brasileiros — dentre os quais seis Cardeais — e dez Prefeitos de Congregações

Romanas. No decurso de um belo diálogo, concreto, vivo e sereno, foi feito um balanço dessa Visita, após o qual JOÃO PAULO II enviou aos Bispos do Brasil, reunidos em ITAICI, uma Carta que abre amplas perspectivas.

Estes foram então, dois atos característicos dessa comunhão eclesial, desse laço que une entre si os membros da Igreja, o Corpo Místico de Cristo. Realidade ao mesmo tempo e inseparavelmente espiritual e visível, a comunhão é constituída da santidade interior da Igreja e de todos os instrumentos externos dessa santidade. Esta une o amor de Deus e os grandes ministérios da Igreja, a Palavra e os Sacramentos, que estão a serviço desse mesmo amor. Associa em perfeita união a imensa variedade das pessoas e das funções na Igreja, e faz de cada um de nós, parte de um todo único.

Sinto-me feliz por estar no meio de vós como “operário” ou como “agente” dessa mesma comunhão. Colaborador do Santo Padre, que é o centro e o princípio visível da comunhão, sou seu porta-voz enquanto minha única ambição é a de

trazer-vos fielmente SUA palavra: uma palavra que ilumina, ensina, que conduz, que governa, sustém, consola, protege...; breve, uma palavra que suscita a comunhão e faz progredir.

Nós, religiosos e religiosas, estamos particularmente empenhados neste mistério da comunhão. Primeiramente, porque assumimos um especial empenho pela Igreja e por sua santidade, com a profissão dos conselhos evangélicos. Depois, porque queremos viver a nossa vida de comunidade como forma privilegiada e tangível do amor que anima a comunhão de toda a Igreja.

Certamente nosso lugar na comunhão universal da Igreja é o do discípulo que segue o Cristo sob a guia daqueles a quem o Senhor confiou a guarda de seu rebanho. Isso implica docilidade e obediência, então, uma aceitação generosa da tradição espiritual que o Papa e os Bispos têm por missão transmitir.

No entanto, somos "ativos" na comunhão. Antes e acima de tudo, em nossa consagração religiosa, em nossa oblação total ao Senhor, a qual, por si mesma e antes de qualquer ação exterior, tem uma secreta fecundidade apostólica. Mas nós o somos também pela ação visível que exercemos na Igreja e no mundo, realizando o apostolado que nos foi confiado pela missão da Igreja.

A comunhão de que vivemos, também queremos comunicá-la; desejariamos arrastar o mundo inteiro num movimento de comunhão. A Igreja não é, em Cristo, como que um sacramento da unidade de todo o gênero humano (LG 1)?

Falando-vos com fervor da comunhão porém, não me entrego à euforia. A comunhão, qualquer que seja, passa através do sofrimento. Suscitar a comunhão no mundo, suscitá-la aqui, no Brasil, significa trabalhar pela libertação dos homens para fazê-los chegar ao amor. Trabalho assim não é fácil. É uma VIA CRUCIS que é preciso percorrer, um caminho que leva ao Calvário. Nós porém, nenhum temor carregamos pois que sabemos que a Cruz do Cristo é vitoriosa.

Reforçar a comunhão, eis portanto, o motivo de minha presença entre vós. Não é a primeira vez que venho ao Brasil, e aqui tenho muitos amigos. A minha estadia me permitirá ampliar grandemente o circuito da amizade, mas também aprofundá-la ao melhor perceber que tal amizade tem suas raízes no mistério da Igreja, pois que a amizade que nos reúne, provém da comunhão do amor e da verdade que une Jesus Cristo a seu Pai e a todos os seus testemunhas (Jo 1,3-7).

Muito obrigado por vossa atenção. □

Dar de tal modo que não se podendo retribuir, aprenda-se a distribuir; não se podendo pagar, comece a imitar. Amor não é comércio, ou troca, ou competição de favores, puro interesse. Amor é sempre gratuidade. Dom sem preço, incalculável. Por isso: "Deus lhe pague". Deu de graça como Deus é graça. A obrigação de pagar é dEle.

NA ABERTURA DA XIV AGO DA CRB

Cardeal Paulo Evaristo Arns

Arcebispo Metropolitano de São Paulo, SP

Eminentíssimo Senhor Cardeal Jean Jérôme Hamer, Digníssimo Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares,

Excelentíssimo Senhor Núncio Apostólico, Dom Carlo Furno,

Prezado Irmão Claudino Falquetto, Presidente Nacional da nossa CRB:

Como Arcebispo de São Paulo, tenho a honra e a alegria de transmitir as saudações mais cordiais e os votos mais ardentes ao Eminentíssimo Senhor Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação e a todos os Superiores Maiores das Ordens e Congregações Religiosas, junto com os seus Delegados das 17 Regionais da CRB.

Logo de início, gostaria também de comunicar que todos os Conventos contemplativos de São Paulo se comprometeram, a meu pedido, a acompanhar com as suas orações e sacrifícios, os trabalhos desses dias, que prometem ser tão fecundos!

O tema escolhido para essa Assembléia Geral Ordinária, OS PROFETAS BÍBLICOS INTERPELAM A VIDA RELIGIOSA, corresponde ao que o Papa Paulo VI propunha, na "Evangelii Nuntiandi", co-

mo ideal, aos Religiosos, e ao que a Assembléia dos Bispos da América Latina, realizada em Puebla, apresentava como as 4 tendências que caracterizam aos que se consagram a Deus neste momento da História.

Para ser breve, como é sempre aconselhável, numa Abertura de trabalhos, contento-me com a enumeração das características apresentadas na "Evangelii Nuntiandi" e com a reprodução do retrato escrito de Puebla.

Diz-nos o texto, grandioso e insubstituível, da "Evangelização do Mundo Contemporâneo", em seu número 69: "Graças à sua consagração religiosa, eles são por excelência voluntários e livres para deixar tudo e ir anunciar o Evangelho até as extremidades da terra".

Desde o início de nossa História do Brasil até os dias de hoje, foram os Religiosos, muitas vezes, os únicos a levarem a Palavra e o Plano de Deus junto com o amor de Cristo até os rincões onde jamais haviam pisado os pés dos assim chamados civilizados. Assim falou um antigo governador do Estado do Maranhão e, quase nos mesmos termos, me confessou recentemente um Prefeito de São Paulo, acrescen-

tando, esse último: “A única organização efetiva que encontrei nas periferias mais abandonadas foi aquela da Igreja Católica, mantida por motivos religiosos”.

Daí a segunda palavra da “*Evangelii Nuntiandi*”: “Os religiosos são empreendedores”.

De fato, nossas estatísticas estão todas elas erradas, nos mesmos dias em que as publicamos, porque, semana por semana, se acrescentam novas obras às anteriores e se multiplicam os Centros Comunitários em nossas periferias, como por todas as partes de nossa terra.

Continua, o Papa Paulo VI: “O seu apostolado é muitas vezes marcado por uma originalidade e feição própria, que lhes granjeiam, forçosamente, admiração”.

Um grande sociólogo nosso afirmou, diante da Assembléia dos Bispos do Brasil, que o Estado, ou qualquer instituição, pode abrir escolas, hospitais, orfanatos e centenas de outras obras, mas só a Igreja é capaz de apresentar uma Religiosa ou um Religioso capaz de consumir-se vinte, ou cinquenta ou mais anos, junto aos doentes e pobres, unicamente por amor, como sinal visível e constante da presença do próprio Deus.

Que os diversos carismas, revelando a riqueza de Deus, continuem a manifestar-se, mesmo quando provocam perseguições, em vez de granjearem forçosamente a admiração, como diz o Papa, neste momento.

Continua o texto, majestoso e ao mesmo tempo incisivo, da “*Evangelii*

Nuntiandi”: “Eles são generosos, encontram-se com frequência nos postos de vanguarda da missão, a arrostar com os maiores perigos para sua própria vida.”

Foi o que ainda verifiquei na última viagem a Roma, quando Deus me concedeu a graça de acompanhar um Prelado missionário com a saúde totalmente arruinada, voltando para a Itália, mas repetindo contentemente: “Jamais saberei viver sem pensar na minha gente querida e pobre de Parintins!”

Portanto, Eminentíssimo Senhor Cardeal, todos os Bispos e Prelados do Brasil fazem coro à conclusão breve e peremptória da “*Evangelii Nuntiandi*”: “**A Igreja lhes deve muito.**”

Repito: a Igreja do Brasil deve muito aos Religiosos, e gostaria que esse nosso reconhecimento fosse levado pelo Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares até o coração do Papa, que nos ama e nos acompanha com tanto carinho!

No momento em que essa Assembléia examina a Vida Religiosa sob a perspectiva do Profetismo Bíblico, não há de esquecer, em nenhum momento, de reeditar as 4 tendências, que os Delegados da Assembléia de Puebla assinalaram com tanta precisão:

— Primeira tendência: A experiência de Deus, revelada por uma “oração visível e estimulante, e sobretudo por uma Eucaristia participada”. Aí está o profeta, diante de Deus, para escutá-l’O.

— Segunda tendência: A comunidade fraterna, que numa “dimensão de fé adotou o estilo de vida mais simples e acolhedor, com diálogo e participação”. Aí estão os Religiosos, a preparar-se para falar e agirem entre os homens aos quais são enviados pelos Pastores, com quem querem comungar na prática pastoral.

— Terceira tendência: A opção preferencial pelos pobres, “trabalhando em zonas marginais e difíceis”, sem excluir nada e ninguém, para a vinda do Reino de Deus.

— Quarta tendência: Inserção na vida da Igreja Particular, ou seja, “redescoberta e vivência do mistério desta Igreja”. Aí está novamente o profeta, comunicando ao povo o que de Deus ouviu.

Eminência, meus irmãos: Os meus vinte anos de Bispo em São Paulo foram sustentados, inspirados e reanimados pela amizade e ação dos Religiosos junto ao Povo e pela resposta generosa do mesmo Povo à ação profética de nossos Religiosos.

Mas, quero acrescentar, que a ação de nossos Padres diocesanos e

dos Ministros não-ordenados está de tal forma interligada com a dos Religiosos, que toda a admiração e também quase todas as falhas podem e devem ser atribuídas a ambos. Temos a graça extraordinária, verdadeiro dom do Espírito Santo, que se exprime pela união de nós todos, sobretudo na pastoral que a hierarquia deseja pôr em prática.

No início, afinmei que pedi as orações e os sacrifícios de todas as comunidades contemplativas de nossa Arquidiocese. Eu as visito regularmente durante a Quaresma, não para fazer penitência, mas para receber o estímulo em favor da Fraternidade. Sobre elas diremos o que também a Assembléia de Puebla exprimiu nesses termos: “As comunidades contemplativas — acrescentamos os dons contemplativos de todos os que aceitam a missão profética — são como o coração da Vida Religiosa”.

Que Deus inspire essa Assembléia e nos faça crescer na fé, na esperança e no amor, com as bênçãos do nosso Pai comum e a assistência carinhosa de seu Delegado e nosso Prefeito, Cardeal Jean Jérôme Hamer. □

Secularização & Secularismo

Secularização: esforço justo e legítimo, compatível com a fé e a religião, para descobrir na criação, em cada coisa, em cada acontecimento do universo, as leis que os regem com certa autonomia. Convicção interior de que o Criador está presente nestas leis que dão consistência à criação.
Secularismo: pensar o mundo como se Deus não existisse. Posição de retaguarda, redutora da realidade. Secularização é esperança. Secularismo é fatalidade.

NA ABERTURA DA XIV AGO DA CRB

Dom Carlo Furno

Núncio Apostólico no Brasil

É com prazer que participo da XIV Assembléia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil, sediada nesta cidade de São Paulo, onde o Santo Padre João Paulo II dirigiu famosa alocução às Religiosas do Brasil. Em nome de Sua Santidade e em meu próprio nome, desejo saudar a todos os participantes deste certame: a Diretoria da CRB, sob a presidência do, Irmão Claudino Falchetto, todos os Religiosos e Religiosas que aqui se encontram, numa atitude de abertura ao Senhor, em fêrvida demanda das luzes do Espírito Santo.

Desejo apresentar uma saudação especial, deferente e cordial ao Eminentíssimo Senhor Cardeal Jérôme Hamer que, na sua qualidade de Prefeito da Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, tem a Presidência de Honra desta Assembléia e dará a mensagem do Santo Padre para os Religiosos do Brasil, dispensando, em benefício desta reunião, a sua doutrina e experiência religiosa e eclesial.

Com a sua presença torna-se mais vivo e operante o interesse e o afeto do Santo Padre para com os Religiosos do Brasil.

Escolhestes como tema central de vossa Assembléia o Profetismo: "OS PROFETAS BÍBLICOS INTER-

PELAM A VIDA RELIGIOSA". A opção foi feliz, pois é apta a vos levar a descobrir sempre mais o sentido da vossa vocação e o lugar que ocupais na Igreja. Permitti, pois, que neste momento medite brevemente convosco sobre Profetismo e Vida Religiosa.

1. Os Profetas Bíblicos...

São diversos os aspectos que os Profetas Bíblicos apresentam aos olhos do cristão.

Será difícil fazer uma síntese doutrinal dos ensinamentos dos Profetas, que abarcam as noções de Deus, dos anjos, do homem e do mundo, da morte, da vida religiosa, da moral pública e privada, da missão de Israel, do culto e particularmente, dos tempos messiânicos e escatológicos.

Desde o primeiro momento de sua vocação, aparecem como homens marcados por Deus: Jeremias é reservado pelo Senhor desde o seio de sua mãe (cf. Jr 1,5); o Espírito se apodera de Ezequiel (cf. Ez 3,12.14); Amós exclama: "O Senhor Javé fala; quem não profetizaria?" (cf. Am 3,8;7,14). Toda a vida dos Profetas decorre sob o impulso do Espírito, que os move às mais inesperadas façanhas.

Em consequência, os Profetas são os Grandes Amigos de Deus, aos quais o Senhor revela seus elevados desígnios; lemos em Amós: "O Senhor Javé não faz coisa alguma sem revelar o seu segredo aos seus servos, os Profetas" (3,7). Pergunta Jeremias: "Quem esteve presente no conselho de Javé, para ver e ouvir a sua palavra? Quem prestou atenção à sua palavra e a ouviu?" (Jr 23,18). Notável entre outros é o caso de Abraão, a quem Javé manifesta a próxima ruína de Sodoma e Gomorra e permite interceda em favor das cidades prevaricadoras; (cf. Gn 18, 17-19; 20,7). Intimamente unidos a Deus, os Profetas usam de **parrhesia** ou liberdade para dizer ao Senhor tudo o que lhes vai no coração; (cf. Jr 12,1 ss; Hab 1,1-3). Tornam-se assim os intercessores qualificados em favor dos homens feridos pelo pecado: assim Jeremias (Jr 17,16), (Is 37,4), o Servidor de Javé (Is 53, 5.11 ss)...

Observamos, outrossim, que os Profetas Bíblicos transmitiam oráculos não somente através de suas palavras, mas também mediante o seu teor de vida.

Mais: Os Profetas experimentaram fases difíceis, em que o peso de sua missão parecia sobrepujar as suas forças. Mas, tentados pelo desânimo, procuraram na oração a força necessária para superar as angústias. Descobrimo-los a braços com as crises que podem afetar todos os heróis, perseverantes, porém, na oração: é o que vemos muito vivo nas "Confissões" do profeta Jeremias (Jr 11,18-12,6; 15,10-21; 17,4-18; 18,18-23; 20,7-18), na história de Elias, que foi reconfortado

por um anjo do Senhor (1 Rs 19,3-8), na missão de Moisés, guia do Povo no deserto (Nm 11,10-23)... O Senhor não prometia vitórias aos seus Profetas, mas lhes assegurava que a sua vida e os seus esforços não seriam estéreis, pois tinham eficácia escatológica; eles preparavam a vinda do Messias (cf. 1 Pd 1,10-12).

Estes traços característicos dos Profetas nos dão a ver que eram dons do Senhor à sua comunidade. O Povo não os podia instituir como instituía reis para si (cf. Dt 17,14 ss). A falta desse dom fez-se sentir especialmente após o exílio babilônico (cf. 1 Mc 9,27; Sl 73,9). A restauração do profetismo seria, para Israel, sinal do sorriso de Deus a seu Povo e testemunho da vinda do Messias (cf. 1 Mc 4,46; 14,41).

Pois bem, meus caros Religiosos, os Profetas Bíblicos assim identificados interpelam a Vida Religiosa, como bem dizeis. Vejamos em que sentido o fazem.

2. ... Interpelam a Vida Religiosa

Podemos dizer que o carisma dos Profetas Bíblicos se prolonga, de certo modo, no da Vida Religiosa. E isto, a vários títulos:

Antes do mais, notemos que a Vida Religiosa supõe a gratuidade de uma vocação a mais íntima união com Deus; os Religiosos são chamados a ser, por excelência, os amigos de Deus... amigos que acreditam no chamado do Senhor, como Abraão acreditou, tornando-se, por isto, amigo do Senhor (cf. Rm 4,3; Tg 2,23).

Esta intimidade deve redundar numa intuição mais profunda do mistério de Deus e dos desígnios de sua Providência. O Religioso e a Religiosa hão de ser pessoas dotadas de sólida vida de oração alimentada pela freqüência aos Sacramentos, particularmente da penitência e da Eucaristia. A oração assídua e fielmente cultivada deve levá-los à coerência de vida moral que encarna, por todo o seu ser e o seu agir, a palavra de Deus; esta, proclamada pelos lábios, deve ser a expressão do coração ou de íntima experiência de Deus; “não aconteça, diz São Paulo, que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado” (1 Cor 9,27).

Os Religiosos que assim vivem, podem realmente ser considerados Profetas. São, por sua existência mesma, uma mensagem subsistente, que edifica o Povo de Deus. Este estima os irmãos e as irmãs consagrados porque os tem na conta de portadores do Eterno e dos valores transcendentais para o mundo imerso no material e no imanente. Os homens querem ver nos seus Religiosos o que é específico a estes e justifica a sua existência, ou seja, o testemunho de uma mensagem que nem a Sociologia, nem a Economia, nem a Psicologia, nem outra ciência pode dar adequadamente a quem tem sede do infinito.

Aliás, a função dos Religiosos no mundo de hoje pode ser ilustrada pelo Documento Final do Sínodo Extraordinário dos Bispos realizado em 1985. Em sua Parte nº 4, o texto fala da “vocação universal à santidade”. Lembra-nos então que se

trata de “apelo a íntima conversão do coração e à participação na vida do Deus Uno e Trino”. Acrescenta que o cultivo da santidade e dos elementos que a favorecem (oração, penitência, prática da caridade e da justiça...) há de ser uma resposta ao vazio interior e à crise espiritual que muitas pessoas sentem hoje em dia. — É interessante notar que nesta passagem os padres sinodais quiseram apontar, de preferência a outros recursos, os meios de santificação cristãos como fatores que podem preencher o vazio dos nossos contemporâneos e a sua crise íntima. A linguagem é corajosa e digna das premissas da nossa fé.

O texto continua fazendo referência à enorme colaboração que os Santos em todos os tempos prestaram à Igreja: “Nas circunstâncias mais difíceis para toda a história da Igreja, os Santos e Santas sempre foram fontes e origem de renovação”. Com efeito, à guisa de exemplo, podemos lembrar o século XVI, fortemente conturbado dentro e fora da Igreja; certamente a seiva nova com que a Igreja contou para atravessar a borrasca, jorrou, em grande parte, da obra dos Santos Religiosos que reformaram suas famílias claustrais ou fundaram Congregações...

Continua o texto sinodal: “Hoje temos grande necessidade de santos, graça esta que devemos continuamente implorar a Deus”. Mas, além de implorar, diz ainda o documento, devemos procurar viver o ideal da santidade a fim de contribuirmos para a renovação da Igreja e a salvação do mundo. E, entre os que são assim interpelados, os padres si-

nodais mencionam em primeiro lugar os Religiosos: "Os Institutos de vida consagrada mediante a profissão dos conselhos evangélicos devem estar conscientes de sua especial missão na Igreja de hoje, e nós devemos encorajá-los nesta sua missão".

Meus caros irmãos e irmãs, é este apelo dos Bispos do mundo sob a presidência do Santo Padre que desejo deixar vivo aos vossos ouvidos no momento presente. Podemos dizer que tal é a voz da profecia e dos profetas que interpelam hoje a

Vida Religiosa: Procurai ser santos; esforçai-vos com renovado zelo por praticar a conversão do coração, que possibilita a participação na vida do Deus Uno e Trino. O desempenho fiel e tenaz desta tarefa é a vossa eloquente mensagem ao mundo de hoje, que precisa de santos em seu meio e os pede a Deus.

Para tanto, contaí com a bênção generosa do Santo Padre, que vos dedica fêrvido afeto e implora de Deus as melhores graças para a vossa Assembléia e as vossas futuras tarefas. □

A crise da CRB: 1971-1974

"A CRB enfrentou enorme crise... O desdobramento da crise levou ao sacrifício... Somente uma ação lenta e paciente permitiu sanear radicalmente todos os ângulos da crise... A CRB descobriu um caos administrativo..." (Convergência, set./86, pág. 428). "O terremoto econômico-financeiro que abalou..." (Convergência, nov./86, pág. 537).

Como vê, são recordações muito recentes. Como testemunha ajudada pelo recuo histórico que permite avaliar e compreender melhor, penso que, de fato, a CRB sofreu um verdadeiro processo revolucionário com a sua crise de 1971-1974. Abstraindo-se de estereótipos, forçosamente deformantes, a idéia de revolução é de natureza semântica. Se se admite como fato revolucionário apenas aquele que altere profundamente as instituições, pode-se concluir que a crise não correspondeu a uma revolução. Toda vez, entretanto, que ocorre mudança relevante de atitude em face dos problemas, a revolução está presente e atuante. Sob este aspecto, a CRB passou, por força da crise, por uma alteração significativa. Pagou preço caro para chegar a novas fronteiras. Assumiu o seu papel e traçou o risco do futuro. Colocou-se no lugar certo no momento necessário. Mudou de escala e de estilo. Ninguém poderá recusar ou desconhecer a nova dimensão assumida pela CRB no cenário eclesial no Brasil e no mundo (Pe. Marcos de Lima, SDB).

XIV AGO DA CRB

VISÃO DE CONJUNTO

Pe. Atico Fassini, MS

Rio de Janeiro, RJ

1. A CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL instala hoje, mais uma ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA, a XIV em seus 32 anos de existência. Quis Deus, por sugestão de seu Santo Espírito, imposter esse evento no tom maior do confronto entre vocação profética e realidade histórica da Vida Religiosa no Brasil.

2. Na verdade, a XIV AGO vem acontecendo há mais tempo. É caminhada que hoje e neste local encontra sua referência terminal. Caminhada que se fez, veio crescendo e envolvendo sempre mais Religiosos e Religiosas do Brasil a tal ponto que, por si só, independentemente do sucesso ou não da presente Assembléia, alcançou valor quase otimal.

3. Nessa caminhada, como na Via Láctea, a beleza do conjunto se impôs ao brilho solitário de estrelas ou constelações dada a participação corresponsável de todos quantos acolheram o apelo da Direção Nacional da CRB. Inúmeras foram as Comunidades e Províncias Religiosas que andaram nesse caminhar, e através das respectivas Regionais de CRB, puseram com simplicidade, à disposição de todos, reflexões, preo-

cupações, esperanças e o desejo sincero de viver uma Vida Religiosa verdadeiramente profética em meio ao nosso povo. O resultado desse esforço iluminará, sem dúvida, as reflexões e decisões que esta Assembléia é chamada a elaborar. A tantos, por tanto, externamos todos nossa gratidão.

1 — TEMA DA XIV AGO

1.1. Processo de escolha

4. O tema "A dimensão profética da Vida Religiosa no Brasil hoje" catalizou os preparativos e a dinâmica interna da XIV AGO. A idéia do tema surgiu muito espontaneamente, durante o Encontro Anual da Diretoria e Executivo Nacionais com os Presidentes e Executivos Regionais da CRB em novembro de 1984, em BRASÍLIA. Com o tema surgiu também o método de abordagem: VER-JULGAR-AGIR.

5. Em dezembro de 1984 foi encaminhada uma sondagem de opinião, junto aos Superiores Maiores, quanto ao mesmo tema e método, e quanto ao local e data da XIV AGO.

6. Em março de 1985, o resultado da sondagem, largamente fa-

vorável à proposta enviada, foi levado ao conhecimento da Diretoria Nacional da CRB para fixação definitiva do assunto.

7. Logo após, a decisão foi comunicada à EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA da CRB Nacional, a quem a Diretoria solicitava o encaminhamento dos estudos teológicos preparatórios para o lançamento do tema da XIV AGO aos Religiosos e Religiosas do Brasil. A ERT se entregou dedicadamente a essa tarefa, durante todo o primeiro semestre de 1985. No início de julho, a Diretoria Nacional recebia para apreciação o texto "OS PROFETAS BÍBLICOS INTERPELAM A VIDA RELIGIOSA", fruto da excelência e disponibilidade dos Teólogos que compõem a Equipe. Diga-se que o sucesso alcançado por esse texto de estudo foi enorme, não só entre Religiosos mas também junto a Bispos e Dioceses que dele fizeram subsídios para reflexão em reuniões e assembleias. As sucessivas edições do fascículo alcançaram a elevada cifra de 20.000 exemplares.

8. O texto, cujo objetivo era o de ser um instrumento de trabalho em preparação à XIV AGO, foi inicialmente enviado às Regionais de CRB, com a recomendação de que dele fizessem uso nas Assembleias Regionais de 1985, e o divulgassem o mais possível junto às Comunidades Religiosas. A essas Comunidades se pedia que, uma vez feita a reflexão com a ajuda do fascículo, repassassem à Secretaria da respectiva Regional, o conteúdo da análise elaborada. Muitas foram as Comunidades que entenderam o apelo,

e alegremente participaram da caminhada.

9. Por sua vez, e sem pretensões estatísticas, as Secretarias Regionais da CRB recolheram os dados provenientes das Comunidades e Províncias, sintetizando-os em torno de duas questões propostas pela Nacional:

a) Quais os sinais proféticos da Vida Religiosa em sua Regional? Justifique.

b) Quais os desafios proféticos para a Vida Religiosa em sua Regional? Justifique.

As sínteses resultantes formam o instrumento de trabalho dos MINIPLENÁRIOS desta Assembléia.

10. No entretanto, a Nacional, por suas Assessorias (GRF, GRI, GRE, GRS), solicitara às Assessorias Regionais homônimas, o envio de dados sobre estas quatro áreas de interesse da Vida Religiosa. Três questões facilitaram a coleta de dados:

a) Quais os grandes avanços nessas quatro áreas?

b) Quais os grandes desafios ali verificados?

c) Que pistas de caminhada são sugeridas para as diferentes áreas?

A síntese desses dados, elaborada pelas respectivas Assessorias da Nacional, será por sua vez, instrumento de trabalho nos quatro PAINÉIS a se realizarem na XIV AGO.

11. Encerrava-se nesse ponto, a fase do VER. Compete agora, aos participantes desta Assembléia, le-

var adiante o processo, particularmente em suas fases do JULGAR e AGIR, definindo as PRIORIDADES que deverão nortear a orientação e atuação da CRB no próximo triênio.

12. Toda essa dinâmica foi objeto de consideração por parte do Encontro Anual da Diretoria e Executivo Nacionais com os Presidentes e Executivos regionais da CRB realizado em BRASÍLIA, em novembro de 1985.

1.2. Razões da escolha

13. Uma pergunta, no entanto, permanece no cabide: — Quais as razões para a escolha do tema desta Assembléia, “A dimensão profética da Vida Religiosa no Brasil hoje?” O tema “profetismo” parece ter sofrido certo desgaste nos últimos anos, por diferentes motivos. A nível de CRB corremos também o risco da repetitividade, sobretudo se considerarmos que o tema foi objeto de estudo na X AGO, em 1974, sob o enfoque: “A Missão profética do Religioso Hoje”.

14. A época da X AGO foi extremamente problemática:

— Do ponto de vista sócio-político chegara-se ao auge da ditadura que oprimia o povo brasileiro e exigia inaudito esforço profético da Igreja.

— Por sua vez, a Vida Religiosa como um todo, sofria de convulsões características das crises profundas, geradas por fatores externos e internos, embora na escura noite da Vida Consagrada da época, vagassem pe-

queninas luzes do novo dia que hoje melhor aparece.

— E a CRB, como instituição, via-se ainda às voltas com as consequências do terremoto econômico-financeiro que abalou por inteiro sua estrutura.

15. Justificava-se pois, a abordagem do tema, em Assembléia. Era preciso reencontrar o vigor do Espírito, a seiva da existência. A CRB o fez, debruçando-se sobre a Vida Religiosa sob o enfoque de sua missão profética. Pe. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO, SJ, Presidente Nacional da CRB então, reconhecia, na alocução de abertura da X AGO: “É um tema de fundo, de cunho interior, que visa primordialmente a linha do SER do religioso”. E se perguntava: “Nossa presença na Igreja e no mundo corresponde efetivamente à vocação a que fomos chamados?... Questionar-se com lealdade sobre isto é tanto mais urgente quanto sabemos que, mais do que em outros tempos, a Vida Religiosa deve ser exigente, coerente, transparente, sobretudo na sua contextura interior”.

A temática central daquela Assembléia foi desdobrada nas seguintes reflexões, conduzidas por eminentes palestristas:

a) A experiência de Deus na Vida Religiosa.

b) Os limites na atual estrutura da Vida Religiosa

c) Consciência crítica do Religioso.

d) As novas formas de Vida Religiosa.

É difícil avaliar, a curta distância no tempo, as conseqüências de todo esse trabalho. Mas sem dúvida, foram elas muitas e boas.

16. A época da XIV AGO tem conotações distintas:

— O Estado, encerrada a fase ditatorial, apresenta-se com fisionomia maquiada, mais democrática; a Nação porém, não participa ainda em plenitude, do processo de construção do próprio destino; o mesmo povo que saiu às ruas pela redemocratização, vê-se tolhido do processo constituinte, esmagado pela dívida externa, empacotado em planos cruzados, agrários e outros; a violência campeia, com assassinatos inclusive de Agentes de Pastoral, de Sacerdotes, de Religiosas e Religiosos; o analfabetismo, a fome, a doença, o desemprego, o êxodo rural, as migrações forçadas, menores abandonados, a miséria se avolumam criando uma conjuntura que está a exigir voz e ação de profetas.

— A Vida Religiosa andou e muito nos últimos anos. Paulatinamente vem assimilando as exigências de renovação interna, as opções da Igreja no Brasil, um novo modo de estar com o povo e de ser povo. Se a Vida Religiosa se debate ainda fortemente consigo mesma, nova esperança porém, alimenta sua caminhada.

— A CRB, despojada dos esplendores de sua fase triunfalista, trilha, parece, caminhos de simplicidade servicial, tão necessária para quem tem a missão de animar e promover a Vida Religiosa no Brasil. Por suas assessorias (ERT, GRF,

GRI, GRE, GRS), a CRB procura estar atenta aos apelos da realidade brasileira, às expectativas da Igreja no Brasil de hoje, para ajudar os Religiosos a assumir a missão profética que o Senhor lhes confia e o momento presente reclama.

17. Justifica-se então, o tema central da XIV AGO?

A espontaneidade com que surgiu, e o trânsito fácil que encontrou, talvez sejam sinal do intuito do Espírito para o momento presente da Vida Religiosa no Brasil.

Mais do que oportuno, é indispensável que Religiosas e Religiosos, por si ou por seus Superiores Maiores em Assembléia, verifiquem os apelos de Deus e o significado profético da própria consagração para o momento presente, sem ansiedades, sem dicotomia entre SER e AGIR, mas no discernimento e na disponibilidade ao serviço do Pai no serviço a seu Povo.

Hoje como ontem, a questão é de fundo. Exige questionamento sincero em virtude da contextura interior da Vida Religiosa, e também da conjuntura externa que a manifesta e revela o seu vigor ou seu fracasso talvez. Assim, tem pleno valor ainda, a pergunta de Pe. MARCELLO à X AGO: — “Nossa presença na Igreja e no mundo corresponde efetivamente à vocação a que fomos chamados?”

18. Justifica-se o tema porque a Vida Religiosa:

— é universo privilegiado para a experiência de Deus no seguimento apaixonado a Jesus Cristo;

— tem especial vocação para ser consciência, memória e vivência dos valores do Reino;

— fortemente relacionada com a vida e santidade da Igreja (LG 44), é privilegiada mediação eclesial da ordem do carisma e não do princípio hierárquico;

— evangeliza enquanto serve à missão da Igreja;

— é chamada a assumir, em consciência crítica, o serviço incondicional ao pobre, no testemunho da fraternidade e justiça;

— tem compromisso libertador, na esperança de um mundo novo a ser construído segundo o projeto e a benignidade de Jesus Cristo.

19. O tema se justifica ainda pelo caminho percorrido, nos últimos anos, pela Vida Religiosa como um todo, no Brasil, e em particular pela CRB. Os textos de:

— Irmã MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI, "Os Religiosos no Brasil nos últimos vinte anos (I e II)", em CONVERGÊNCIA de julho/agosto e de setembro de 1986;

— Irmã DELIR BRUNELLI, CF, "Profetas do Reino", Publicações CRB/1986;

— Pe. MARCELLO CARVALHO DE AZEVEDO, SJ, "Os Religiosos, Vocação e Missão: um enfoque exigente e atual", 4ª ed. Publicações CRB/1986 dão conta das transformações e do dinamismo vividos neste período por Religiosas e Religiosos, Comunidades e Províncias.

20. Deve-se ressaltar porém, que os passos andados não eliminaram certas ansiedades e especulações, vanguardismo e regressão. A par da serenidade interior, conquistada por Religiosos em profética e incondicional entrega aos desígnios do Senhor para o momento atual, verificam-se desacertos internos em relação às opções da Igreja no Brasil, e distanciamentos equívocos em relação ao povo a quem Religiosas e Religiosos são enviados. Desafios à Vida Religiosa geram ainda, perplexidade e insegurança, em vez de suscitarem coragem evangélica e firmeza profética. Conflitos e tensões, propiciados pela vertiginosa virada histórica pós-conciliar, não foram ainda suficientemente assimilados a nível de espiritualidade congregacional. Soluções escapistas surgem, articulando-se em visões ideológicas condicionadoras da espiritualidade, do exercício da autoridade, da vida comunitária, da formação, e da ação na missão. A experiência do apelo do Senhor para a audácia do novo evangélico confronta-se, às vezes até dentro da mesma comunidade, com a tentação conservadora da busca de segurança anacrônica num passado supostamente ideal.

21. O tema finalmente se justifica dada a coexistência exótica de opções, engajamentos e modelos divergentes de Vida Religiosa. Dom ALOÍSIO LORSCHIEDER, OFM, em "A dimensão profética da Vida Religiosa no Brasil", in CONVERGÊNCIA nº 191, abril de 1986, p. 166s, caracteriza três modelos de Vida Religiosa coexistentes e conflitantes hoje no Brasil:

— Vida Religiosa como fuga do mundo, que busca no passado seu ideal integrador.

— Vida Religiosa Inserida no mundo, que tira seu fundamento do VATICANO II e por ele justifica as transformações ocorridas.

— Vida Religiosa Inserida no submundo, com raízes fortes no pós-Concílio, sobretudo em MEDELLÍN e PUEBLA; fundada na opção pelos pobres, leva ao convívio solidário com eles, num compromisso de libertação na fraternidade e justiça.

Por qual dos três modelos passa hoje a força da profecia evangélica? Qual deles melhor responde às expectativas da Igreja e às reais necessidades do povo empobrecido a quem a Vida Religiosa é hoje enviada, no Brasil? Qual deles melhor veicula o clamor do povo ao PAI, e anuncia mais vigorosamente ao povo o Projeto do PAI em JESUS CRISTO? A feliz conjunção desses dois pólos determina, parece, a qualidade da profecia da Vida Religiosa.

A esta Assembléia compete pois, fazer essa avaliação, à luz da dimensão profética da Vida Religiosa.

2 — DINÂMICA DA XIV AGO

2.1. Painéis e Miniplenários

22. O tema da XIV AGO será tratado através de MINIPLENÁRIOS formados por grupos de Regionais de CRB geograficamente próximas. Com a ajuda das Sínteses Regionais se verá melhor o enrai-

zamento e entrelaçamento de certas questões em nível macrorregional, e seu conveniente tratamento. O resultado das reflexões em miniplenários refluirá para o plenário que lhe dará encaminhamento oportuno.

Por sua vez, as diferentes áreas em que a Vida Religiosa tem particular interesse e ação — Formação à Vida Religiosa, Inserção em Meios Populares, serviço à Educação e promoção da Saúde — serão tratadas em PAINÉIS específicos, à luz do tema central da Assembléia.

23. A XIV AGO está estruturada de forma a possibilitar maior participação dos presentes. Responde-se assim, ao desejo expresso na avaliação final da XIII AGO, e aos anseios dos quadros das Regionais da CRB, convocadas para efetiva participação tanto na preparação quanto na realização da Assembléia. PAINÉIS e sobretudo MINIPLENÁRIOS foram o percurso escolhido para que isso ocorra. A ausência de conferências teológicas não significa desconfiança ou inutilidade. Na verdade, o trabalho dos Teólogos da CRB é subjacente ao processo todo, discreto mas qualificado. A presença deles em painéis e miniplenários assegura a indispensável assessoria teológica à XIV AGO.

2.2. Liturgias e Manhã de espiritualidade

24. Todos os momentos de oração da XIV AGO serão orientados por grupos de Regionais da CRB, para cada dia da Assembléia. Os participantes da Assembléia terão, na manhã de 24 de julho, um período de oração e reflexão conduzidas

pelo Cardeal Dom ALOÍSIO LORSCHEIDER, OFM, que bondosamente vem de Goiânia, onde acompanha o 6º Encontro Inter-eclesial de CEB's, para nos dar sua mensagem e apoio.

2.3. Prioridades

25. A CRB aguarda desta Assembléia a definição das prioridades que a orientarão em suas atividades no próximo triênio. Uma Comissão de Redação estará atenta aos resultados dos PAINÉIS, MINIPLENÁRIOS e PLENÁRIO, para garimpar os elementos necessários à elaboração do Projeto de Prioridades a ser submetido à Assembléia.

2.4. Relatórios Trienal e Financeiro

26. A XIV AGO tomará conhecimento das atividades da CRB no último triênio, através da apresentação dos Relatórios Trienal e Financeiro a serem apreciados por Comissões ad hoc que levarão seu Parecer ao voto do Plenário.

2.5. Estatutos

27. Momento de particular atenção será dedicado à revisão exigida por especiais circunstâncias.

2.6. Assembléia da ELO-Cooperação e Integração

28. ELO-Cooperação e Integração terá sua Assembléia dentro da XIV AGO, para avaliação das próprias atividades e existência.

2.7. Eleições

29. A presente Assembléia é de caráter eletivo. Os participantes carregam sobre si a responsabilidade da escolha das pessoas que vão compor os diferentes estratos da Direção Nacional da CRB no próximo triênio. Amplo espaço desta XIV AGO está reservado para tão importante decisão.

2.8. Palestra: "Por uma nova ordem constitucional"

30. Nossa Pátria vive uma fase histórica de imensa responsabilidade para o futuro de seu povo e instituições. Emersa de um passado recente de obscurantismo opressor e discricionário, a Nação quer construir um Brasil novo e não apenas uma "nova república". Às vésperas das eleições para a Constituinte, e em consonância com as orientações do Episcopado brasileiro em sua última Assembléia Geral, a CRB oferece aos membros da XIV AGO a oportunidade de uma reflexão sobre o assunto. Pe. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA, SJ, Assessor da CNBB e Membro da Comissão Pró-Constituinte, dirigirá sua palavra autorizada a esse propósito.

2.9. Equipe Marins

31. Pe. JOSÉ MARINS, Irmã TEOLIDE MARIA TREVISAN, ICM e Irmã CAROLEE CHANONA, RSM aqui estão para, bondosamente, nos ajudar. Vieram de longe porque nos querem bem. Aqui estão para dinamizar as atividades da XIV AGO. Por isso lhes somos imensamente gratos.

32. Esse, irmãs e irmãos, é o campo de jogo que lhes é proposto para o bom certame da presente Assembléia da CRB. Que o PAI, pelo Cristo e no Espírito, nos ajude a realizar o desígnio que nos reservou para esses dias. Esta Assembléia tem uma missão profética a cumprir. Bom trabalho a todos! □

Ser santo no mundo, hoje (I)

Doutrina velha como o Evangelho e, como ele, nova: a chamada universal de **todos**, os leigos incluídos, à santidade e ao apostolado. A Igreja, vivendo hoje seus vinte anos de Concílio Vaticano II, ressalta a atualidade do tema da vocação e da missão do leigo e da necessidade de aprofundá-lo.

Por que também o leigo é chamado à santidade?

Por que não o seria? A santidade não é coisa de privilegiados. Podem ser divinos todos os caminhos da terra, todas as profissões, todas as tarefas. Para ser santo não é preciso fazer coisas esquisitas e inéditas. Para a maioria dos homens e mulheres, ser santo significa santificar o próprio trabalho, santificar-se no trabalho e santificar os outros com o trabalho. É assim que encontrarão Deus nos caminhos da vida.

Mas o leigo não trabalha no mundo?

E alguém trabalha fora do mundo? O mundo pode ser entendido como este modo de pensar, de falar, de agir e de amar que não corresponde ao Evangelho. É o anti-Reino, lugar de resistência à palavra e ao plano de Deus. Pois é justamente para este contraditório do Evangelho que o leigo procura respostas cristãs. Nada é alheio ao interesse de Cristo. Só de um ponto-de-vista meramente funcional se podem classificar as realidades como indiferentes, ou nobres, ou menos nobres ou mais nobres. Não há realidade exclusivamente profana. O trabalho é instrumento e âmbito de santificação.

Deus não está fora do mundo?

Esta é uma teologia inaceitável para o cristão. Franz Kafka é quem ensinava que o sentido do mundo está em Deus. Mas Deus está fora do mundo. Logo, o sentido do mundo é inatingível e incompreensível para o homem. Este Deus absconso e kafkiano é anti-humano. JESUS nos revelou e se revelou DEUS misericordioso, pai, presente e agindo. A fé traz a salvação e traz o sentido para o mundo. O cristianismo não é uma religião do desespero. Pelo contrário, é a religião da esperança: Só a fé em Deus, só a dimensão espiritual abre horizontes à esperança (Pe. Marcos de Lima, SDB).

HOMILIA

Cardeal Jean Jérôme Hamer, OP

Missa do dia 23.07.86 na XIV AGO da CRB

Falamos do testemunho profético. Gostaria de me deter hoje, convosco, sobre a testemunha, isto é, sobre a pessoa que nos traz o testemunho profético. A tanto nos convidava especialmente a primeira leitura da Missa de hoje.

1. Comovente foi o modo pelo qual acolhestes na segunda-feira passada, a mensagem do Santo Padre. Pusestes-vos de pé e espontaneamente entoastes o canto em honra do Santo Padre. Agora, essa mensagem será para vós também, objeto de meditação e norma de vida.

2. De minha parte, desde segunda-feira passei à escuta (primeira condição para um diálogo que pretendo prosseguir numa comunicação mais aprofundada):

— participei de vossas sessões plenárias e pude superar em parte o obstáculo da língua graças à gentil colaboração de um confrade dominicano;

— segunda-feira à tarde, visitei uma comunidade na favela de Santo André, confiada aos Padres Redentoristas e dedicada à Rainha dos Mártires;

— terça-feira, de tarde, junto com o Bispo Auxiliar, Dom JOEL,

tive um encontro com as Religiosas da Região Norte da Diocese de São Paulo;

— hoje, quarta-feira de tarde, mantive um encontro com a CRB Regional de São Paulo;

— durante o tempo livre, recebi Superiores e Superiores que desejavam falar comigo.

3. Amanhã parto para encontrar Religiosos e Religiosas em outras Dioceses, e especialmente para fazer uma visita à Cartuxa de Nossa Senhora Medianeira, na Diocese de Santa Maria, fundação nova que é muito significativa do interesse da Igreja, aqui no Brasil, pela vida religiosa contemplativa.

4. Nesses primeiros dias encontrei Religiosos e Religiosas animados por um grande amor a Deus; desejosos de um grande empenho eclesial; movidos por decidida vontade de entrega à obra da evangelização; particularmente atentos aos mais desprovidos, aos mais pobres; dispostos ao sacrifício e, se necessário, também ao sacrifício da própria vida. E sabemos que aqui, no Brasil, isso não é uma fórmula retórica.

Esses valores da vida consagrada são essenciais para o futuro da Vida

Religiosa no Brasil, e para o futuro da Igreja. Esses valores vos ajudarão a superar todas as dificuldades que deveis enfrentar.

O diálogo que iniciei aqui é, para mim, motivo de esperança e de coragem. Uma vez de retorno a Roma, sentir-me-ei feliz em dizê-lo ao Santo Padre que muito se interessa por vosso país.

5. Agora não gostaria de nada acrescentar à mensagem do Santo Padre, mas apenas desenvolver um ponto que me parece especialmente importante. Falar-vos-ei então da testemunha.

Vida Religiosa e Evangelização

1. É preciso crer no anúncio do Evangelho mediante sinais palpáveis de testemunhas de vida, salvadores e libertadores, válidos para os homens de nosso tempo. A essa exigência, nós, Religiosos e Religiosas, devemos estar particularmente atentos.

Certamente, só a Palavra de Deus pode anunciar a salvação oferecida a cada pessoa humana, como dom da graça e da misericórdia, em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, salvação que responde às esperanças temporais, mas que ultrapassa todos os limites; salvação que se realiza na comunhão com o único Absoluto, o de Deus; salvação transcendente que tem seu início nesta vida, mas que se completará na eternidade (EN 27).

Esta Palavra de Deus que a Igreja proclama, não tem confronto adequado na vida dos homens, nem mesmo na dos maiores santos, ex-

ceto na da Virgem Maria. O testemunho, então, jamais poderá substituir a Palavra de Deus. Em verdade, é nesta que as testemunhas do Cristo conhecem sua norma e seu ideal.

Por isso, o testemunho de uma vida autenticamente entregue a Deus e doada ao próximo numa generosidade sem limites sempre foi um meio privilegiado de evangelização, inseparável da mensagem. O testemunho é um caminho, uma pedagogia, que conduz a uma mensagem que o supera.

2. Quando consideramos o nosso contributo específico à obra da Evangelização do homem de hoje, é aqui que descobrimos o nosso lugar. Deixai que com simplicidade vos relembre uma passagem daquele grande documento magisterial sobre a evangelização, que é a Exortação Apostólica EVANGELII NUNTIANDI, de PAULO VI, publicada em 1975, um ano depois do Sínodo dos Bispos consagrado ao mesmo assunto e à mesma solicitação dos Padres Sinodais.

Entre os "operários" da evangelização, o Santo Padre dá um lugar especial aos Religiosos (EN 69). Esses "encontram em sua vida consagrada um meio privilegiado para uma evangelização eficaz. Com a mesma íntima natureza de seu ser, colocam-se dentro do dinamismo da Igreja, sedenta do Absoluto de Deus, chamada à santidade. Desta santidade esses são testemunhas. Encarnam a Igreja enquanto desejava de entregar-se ao radicalismo das Bem-aventuranças. Com sua vida são sinal da total disponibilidade

para Deus, para a Igreja, para os irmãos”.

Depois dessa primeira afirmação, o Santo Padre continua: “O silencioso testemunho de pobreza e desapego, de pureza e de transparência, de abandono na obediência pode tornar-se além de uma provocação ao mundo e à própria Igreja, também uma pregação eloqüente, capaz de impressionar também os não-cristãos de boa vontade, sensíveis a certos valores”.

Isso não precisa de comentários. Uma vida, doada inteiramente a Deus e aos homens, com os votos de castidade, pobreza e obediência, tem um valor de protesto profético — pacífico mas incontestável — contra uma sociedade impregnada de erotismo, de afirmação exagerada de si mesmo, e de espírito de gozo. O valor universal de semelhante testemunho é bem ilustrado pelo prestígio de um São Francisco. O dom de si, realmente vivido, é uma exigência de transcendência.

3. PAULO VI fala a seguir de cada uma das duas grandes famílias da vida religiosa: a constituída pelos institutos dedicados totalmente à contemplação e a que reúne os institutos votados às atividades da vida apostólica. Da primeira, lembra o papel evangelizador. Sabe-se que o Vaticano II também sublinhou a secreta fecundidade apostólica dos mosteiros, cujos membros “se entregam unicamente às coisas de Deus na solidão e no silêncio, em contínua oração e intensa penitência” (PC 7).

Quanto à segunda família, aque-

retamente ao apostolado, o Santo Padre é muito explícito. Cito por extenso esse texto importante que nos diz diretamente respeito: a ação missionária desses religiosos “depende evidentemente da hierarquia e deve estar coordenada com a pastoral que esta quer operacionalizar. Mas quem não considera o contributo imenso que esses têm dado e continuam a dar à evangelização? Graças à sua consagração religiosa, esses são, por excelência, voluntários e livres para tudo deixar e para ir anunciar o Evangelho até os confins do mundo. Esses são empreendedores, e seu apostolado é muitas vezes assinalado por uma originalidade, uma genialidade que levam à admiração. São generosos: eles se encontram muitas vezes nos postos avançados da missão, e assumem os maiores riscos para sua saúde e para sua própria vida. Sim, verdadeiramente a Igreja muito deve a eles.”

4. Seguindo o Santo Padre, notamos primeiramente que o estado religioso não nos constitui em força apostólica autônoma. Ao contrário, a formação que recebemos em nossas ordens e congregações, em plena fidelidade ao pensamento de nossos fundadores e ao caráter próprio de nossos institutos, prepara-nos, qualifica-nos e nos torna disponíveis para um apostolado eclesial a ser exercido sob a guia dos sucessores dos Apóstolos a quem o Senhor confiou a missão de fazer de todos os povos discípulos seus, de assim propagar a Igreja e de assumir seu ministério pastoral (Cfr. Mt 28,16-20; LG 19).

5. O texto da EVANGELII NUNTIANDI que há pouco citamos,

ilumina também de modo muito simpático, o caráter empreendedor, a originalidade, a imaginação, a generosidade e a coragem da obra apostólica realizada no mundo pelos religiosos. Isso, de fato, corresponde à realidade. Vede as missões nos diferentes continentes. Neste início da celebração do quinto centenário da evangelização da América Latina é preciso lembrar a parte determinante que tiveram os religiosos? E, hoje ainda, quantos deles pagaram com a própria vida a fidelidade ao Cristo na pessoa de seus irmãos.

Mas o Papa não se satisfaz em fazer um quadro da situação, de dar uma espécie de fenomenologia da santa audácia dos apóstolos religiosos, ele aduz o motivo e o fundamento para tanto: "Graças à sua consagração, esses são por excelência voluntários e livres para deixar tudo..." Eis o ponto decisivo. É a existência vivida de conformidade com a consagração religiosa que explica o extraordinário dinamismo apostólico manifestado pelos religiosos ao longo dos séculos. Pois que seu apostolado não é um acréscimo à sua consagração, mas dela emana, é sua expressão concreta, como diz de outra forma, o Concílio: "A ação apostólica (...) faz parte da própria natureza da vida religiosa, enquanto constitui um ministério sagrado" (PC 8). Apostolado e consagração são, pois, duas realidades correlatas, inseparáveis.

Sempre que falamos de evangelização e de vida religiosa somos levados à existência concreta que vivemos, à generosidade de uma profissão religiosa que fizemos uma vez por todas, mas que devemos

realizar dia após dia. Para um religioso, uma evangelização dissociada da vida seria uma forma de inconsciência, um esquecimento da própria identidade, seja como for, um contratestemunho, para não dizer outra coisa.

6. JOÃO PAULO II volta frequentemente a esse assunto, sob uma forma simples, tornada familiar, mas que é extremamente profunda: aquilo que importa acima de tudo não é o que fazemos mas o que somos, em virtude de nossa consagração ao Senhor. É assim que o nosso primeiro campo de apostolado é a nossa vida pessoal. É assim que a mensagem deve ser acima de tudo pregada e vivida (Cfr. Discurso em Maynooth, a 1º de outubro de 1979). É na medida em que o religioso acolhe em si mesmo o Evangelho que pode, por sua vez, evangelizar os outros.

7. O desafio da secularização é particularmente vivo hoje. Nós o afrontaremos reconhecendo, certamente, a legítima autonomia das realidades temporais (cfr. GS 36), mas também combatendo toda infiltração de secularismo na sociedade cristã e também na vida religiosa. Fá-lo-emos vivendo a nossa consagração de modo autêntico, generoso, com humildade, mas também sem esconder-nos. Seguimos o Cristo abertamente, como os apóstolos que O acompanhavam pelas estradas da Palestina, e não como Nicodemos que ia vê-Lo à noite.

Vós sois testemunhas. Isso requer uma grande determinação, sem meias medidas, fundada sobre a

convicção indestrutível de que o Cristo é a única resposta válida para os problemas do homem de nosso tempo.

A vós, pessoas consagradas, compete dizer e redizer essa mensagem aos homens e mulheres de vossos

países, “em qualquer ocasião” (“opportune et importune”) (1 Tim 4, 2), com a certeza da força do Espírito e o vigor de vossa fé. Sobre tudo, compete a vós vivê-la.

Que a Virgem Maria vos acompanhe nessa grande missão!

Ser santo no mundo, hoje (II)

Fico, sempre, porém, com a impressão de que o mundo...

Ainda bem que é só impressão mesmo. É só a aparência. Não é a verdade. O mundo saiu das mãos de Deus. É criatura d'Ele. Já vé o olhou e viu que era bom. Não se conhece Deus sem o mundo e é impossível um mundo sem Deus. Evadir-se das realidades diárias é, para homens e mulheres, coisa oposta à vontade de Deus. Deus espera que cada um saiba materializar sua vida espiritual sem naturalizar o seu mistério. Deus repele, com nojo, a dubiedade e rejeita a duplicidade de vida: de um lado, a vida interior, a vida de relação com Deus e, de outro, diferente e segregada, a vida familiar, profissional e social, cheia de realidades terrenas. Ninguém pode viver esta esquizofrenia. Há uma vida só, feita de corpo e espírito, e que deve ser santa e plena de Deus.

E o Religioso acredita em tudo isso?

Não se deve ter ilusões. Mas afirmo: sim. Pode haver, todavia, muita superficialidade nesta teoria. Esta convicção pode carecer de raízes capazes de acolher a novidade do Espírito. E esta superficialidade gera ceticismo, desinteresse, acomodação, aburguesamento. Superficialidade, a mola da alienação. Não se passa à prática. Tenta-se anular a realidade com a versão. Fabrica-se mais retórica do que coerência. Em suas atividades e em seus empreendimentos, o Religioso, por vezes, se transforma num gerente, quando devia ser um missionário. Comportamento inadequado!

E, então, o que concluir?

Voltemos ao começo, página 542. Alcança-se a santidade não com ações extraordinárias. Na vida cristã, é o modo de realizar o ordinário que não pode ser comum. “Põe tudo o que és no mínimo que fizeres”, sentencia Fernando Pessoa (Pe. Marcos de Lima, SDB).

MANHÃ DE ESPIRITUALIDADE

NA XIV AGO DA CRB

Cardeal Aloísio Lorscheider

Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, CE

1. O profeta é um homem de oração

Profeta é aquele que fala em nome de Deus. O profeta é pessoa escolhida por Deus e enviada para ser portador da Palavra de Deus e dos sinais de Deus: "Iahweh me ungiu e me enviou a anunciar a boa nova aos pobres, para curar os corações contritos, para proclamar aos deportados a libertação, aos prisioneiros a liberdade, para proclamar um ano de graça de Iahweh" (Is 61,1; Lc 4,18). "Só lhe é dado ser profeta na medida em que tiver feito a experiência do Deus vivo. Só esta experiência fá-lo-á portador de uma palavra poderosa para transformar a vida pessoal e social dos homens, de conformidade com o desígnio do Pai" (PUEBLA, 693). Deixar-se envolver por Deus — absorção em Deus — imersão no divino: "Falai, Senhor, que o vosso servo escuta" (1Sam 3,10). O profeta é alguém que vive na intimidade de Deus, na comunhão mais íntima com o Pai. "Especialmente chamados são eles (os Religiosos) para viver em intensa comunhão com o Pai, que os cumula do seu Espírito, urgindo-os a construir a comunhão sempre re-

novada entre os homens. Desta sorte, a vida consagrada é uma afirmação profética do valor supremo da comunhão com Deus e entre os homens..." (PUEBLA, 744). O ser contemplativo marca a vida do profeta. A importância da ascese do silêncio na vida do profeta: silêncio exterior, quando possível; silêncio interior, sempre.

Quanto mais conseguirmos colocar Jesus vivo no meio dos homens, tanto mais profetas seremos.

2. O profeta é um evangelizador

"O Senhor me ungiu e me enviou para evangelizar..." (Is 61,1; Lc 4,18).

"Bem-vindos sobre os montes os pés dos que anunciam a boa nova, dos que anunciam o bem-estar, bem-vindos os pés dos mensageiros da ventura, dos arautos da salvação, dos que dizem a Sião: 'Teu Deus é Rei!'" (Is 52,7).

Jesus, o profeta por excelência, não veio ab-rogar a lei e os profetas; veio aperfeiçoá-los, levá-los à plenitude" (Mt 1,17). O profeta não acaba com os valores da vida; ele leva todos os valores à perfeição.

A evangelização é o maior benefício que alguém pode prestar à humanidade; é a grande missão do profeta — ir pelo mundo pregando o Evangelho a toda a criatura (Mc. 16,15).

Tendo em vista a nossa situação histórica, evangelizar o quê? O Evangelho da pobreza, da fraternidade e da liberdade em Jesus Cristo.

3. O Evangelho da Pobreza

Parece-me que no referente à pobreza duas questões se nos colocam: a questão da propriedade e a questão da ótica dos empobrecidos.

Questão da propriedade — como nós religiosos a encaramos? O que ela significa em nossa vida? Podemos afirmar que vivemos, realmente, despojados? Ou também não acontece que o nosso lugar mais sensível é o nosso bolso? O que significa para a nossa vida o ter e, mais ainda, o não ter?

Questão da ótica do empobrecido — até que ponto está acontecendo em nós a mudança do lugar social? A nossa opção profética, preferencial, solidária pelos pobres o que está significando em nossa vida diária? Ficamos agastados em só ouvir falar desta opção ou deste amor?

Temos que ser o sinal (a profecia) de um Cristo Pobre no meio de um povo de pobres.

E que pobres?!... Pessoas sem poder nem influência. Pessoas à margem da vida. Pessoas sem terra, sem casa, sem voz nem vez. Pessoas migrantes, em eterna mobili-

dade, verdadeiros ciganos jogados de um lado para o outro, mal vistos por onde aparecem. Pessoas que não são “grandes”. Existem como se não existissem. Pessoas sem haver, sem poder, sem prazer, sem lazer. Pessoas totalmente dependentes.

Este rosário de situações já não causa medo? Nem gostamos de ouvi-las enumeradas.

E quantas são? Mais de dois terços dos nossos conacionais?

Por que chegamos a tal situação?

Quantos deles merecem a nossa atenção? Antes, ao serviço de quem nos encontramos? A serviço deles ou dos outros que são minoria? Por que será?

A Igreja pede que “vivamos numa contínua autocrítica, à luz do Evangelho, em nível pessoal, grupal, comunitário, para nos despojarmos de qualquer atitude que não seja evangélica e desfigure a fisionomia de Cristo” (Puebla, 972). Como colocar a nossa vida religiosa dentro da ótica do empobrecido?

Jesus, embora sendo Deus e bem sabendo que o seu ser igual a Deus não era roubo, esvaziou-se a si mesmo, assumiu a condição de servo, tornou-se solidário conosco. Jesus tomou a forma dos pobres, a forma dos sem poder, dos sem terra, dos sem casa: “As raposas têm toca, as aves do céu, ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20). É a opção que Jesus fez no desempenho de sua missão. O seu nascimento, dentro do nosso contexto, é muito típico: não havia lugar para eles na hospedaria (Lc 2,7). É um estilo de vida

completamente novo que Jesus veio instaurar. A Sua Encarnação não é apenas revestir-se de nossa carne mortal, mas é assumir-nos em toda a nossa pobreza e miséria fazendo-se pecado e maldição por nós (cf. 2 Cor 5,21; Gál 3,13). A descida à mansão dos mortos, que recordamos no "Credo", indica a medida total desta Encarnação: "obediente até a morte e morte de cruz" (Filip 2,8). Obediente — totalmente à escuta da Palavra do Pai —, os ouvidos sempre atentos à voz do Senhor até a morte da cruz! "O Senhor Iahweh me deu uma língua de discípulo, para que eu soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto. De manhã em manhã ele me desperta, sim, desperta o meu ouvido para que eu ouça como os discípulos. O Senhor Iahweh me abriu os ouvidos e eu não fui rebelde, não recuei" (Isaías 50,4-5).

O estilo velho de vida mata **prematamente** as pessoas. É o sistema concentrador do haver, poder, prazer, lazer. Profundamente eivado de **ódio**: o outro é sempre um adversário, um competidor, um inimigo. Ele deve ser eliminado antes que me elimine. O outro só é suportado existir enquanto serve à minha existência. Caso contrário, perde a sua razão de ser.

Jesus, ao contrário, é o caminho, a verdade, a vida. A vida...! O Evangelho é vida! É amor! É respeito! É ser irmão e menor, irmão dos menores, manso e humilde de coração. É a ruína do edifício legalista farisaico da Torá; é a ruína do imperialismo romano endeusando o César. É uma força nova de pressão, decisiva na marcha da história.

O verdadeiro profeta é um pobre e um sem poder, um sem terra, um sem casa, sem emprego, um sem nada. É um livre e despojado. É alguém que põe ao serviço dos outros a força de sua energia moral, do seu tempo e, até, de sua vida. É alguém que entra na renúncia de Jesus: esquecimento de si mesmo — só preocupado com o Pai e com os que o Pai lhe confiou — totalmente despojado numa doação total da vida — obediente até a morte da cruz — só voltado para a sua missão — celibato. É o grão de trigo que morre para produzir fruto (Jo 12,24). Talvez devêssemos meditar mais em nossa vida sobre o sentido da impotência da cruz como força de vida nova em nosso mundo tão arruinado. A Igreja realiza sua missão na kénosis da impotência humana significada na impotência da cruz. Toda nossa força profética está no seguimento da kénosis de Jesus Cristo, sem jamais cair na tentação do domínio temporal, do poder, da propriedade, do amar a sua vida (cf. Galilea S., *Espiritualidade da Libertação*, Petrópolis 1975-45-51).

O Evangelho da pobreza vai, pois, na linha do que é fraco aos olhos dos homens é forte aos olhos de Deus (1Cor 1,26-31).

4. O Evangelho da Fraternidade

Também aqui um questionamento: como está dentro de nós a realidade patrão-operário, senhor-servo, empregador-empregado, superior-súdito? Tudo visto na luz do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Jesus Cristo é o Verbo Eterno, o Filho de Deus, Deus como o Pai e o Espírito Santo. Ele é enviado pelo Pai ao mundo para salvar o mundo e não para condená-lo: "Tanto Deus amou o mundo que lhe deu o seu Filho único para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3,16). Quem nele crer não será condenado; está salvo (cf. Jo 3,17-18). Ele é o Novíssimo do mundo, é o Eschaton, nEle tudo substiste, nele aprovou a Deus fazer habitar a plenitude (Col 1,15-19; Hebr 1,3). Ele é o ponto referencial obrigatório. É na visão do Verbo que se fez carne e colocou a sua tenda entre nós, que tudo deve ser visto. O imanente, o intramundano só recebe o seu pleno sentido, o seu sentido total, no Verbo que se fez carne. Crer é ler tudo a partir desta Presença Divina, deste eixo cristológico, no meio dos homens. É o Tabernáculo de Deus no mundo; é Deus armando a sua Tenda no meio dos homens. É a Tenda do Conselho — todos que tinham algum problema a resolver iam à Tenda do Profeta que era Moisés. Agora é o Profeta no qual todos os profetas verdadeiros, autênticos se encontram: "Nenhum outro nome foi dado aos homens no qual devam ser salvos a não ser o nome de Jesus" (Atos 4,12). É neste Nome (nesta Pessoa) que se dobra todo joelho que há no céu, na terra e embaixo da terra. Toda língua confessa que Jesus Cristo é Senhor para glória de Deus Pai (Filip 2,10-11). Por isso, seja cada um batizado no nome de Jesus, seja banhado, mergulhado, imerso na Pessoa de Jesus. Imerosos nEle, estaremos todos imersos no Pai.

Esta imersão em Jesus, levada a sério até o seu extremo, caracteriza a vida religiosa. A vida religiosa é a expressão mais plena do santo batismo (Perfectae Caritatis, 5). O batismo é a nossa imersão, inserção, incorporação, na Pessoa de Jesus Cristo Encarnado, Morto e Ressuscitado. É por isso mesmo comunhão e participação nas suas ações históricas salvíficas (Rom 6,1 ss.; Col 2,11.15-3,5) Inserção na encarnação e na morte = compromisso de morrer à carne e ao mundo, enquanto corpo de pecado; inserção na ressurreição = produzindo nova vida. Matando a velha criatura em nossa carne e vivendo a nova criatura em nosso espírito vivificado pelo Espírito do Senhor Jesus, Espírito que o ressuscitou dos mortos. É preciso ter a convicção que pelo batismo fomos introduzidos na comunidade de Jesus Cristo Morto e Glorificado: estamos em Cristo Jesus! (conforme a feliz expressão de São Paulo). Não é mais possível viver alheio a esta comunidade. É a comunidade nova dos que nasceram não do sangue nem da vontade da carne nem da vontade do homem, mas de Deus (Jo 1,13). É ela que determina a nossa fraternidade: "Vivo já não eu, mas vive Cristo em mim" (Gál 2m20). "Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim" (Gal 2, 20). — "Que todos sejam um para que o mundo creia que tu me enviaste e que os amaste como amaste a mim" (Jo 17,21-23).

Tocamos aqui a mensagem central do Evangelho de Jesus, a mensagem da fraternidade. É o grande

mandamento. É o seu mandamento. É o mandamento da vida, da vida eterna.

Fraternidade é pobreza, é partilha, é humildade, é ser tudo para todos. É também na luz da fraternidade que deve ser visto o problema da propriedade: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, depois vem, toma a tua cruz e segue-me" (Mt 19,21; Lc 9,23).

Também o problema Superior-Súdito, que talvez no passado tenha estado por demais marcado pela analogia patrão-servidor, recebe hoje um deslocamento de acento, um outro enfoque. Acentua-se mais a co-responsabilidade dentro da comunidade. Co-responsabilidade que traz consigo o esforço, a busca, à luz da fé, para **discernir** os sinais da presença atuante de Deus na vida das pessoas e da história na qual estamos envolvidos. É o "ob-audire", o colocar-se à escuta, em comunidade, que nos dá o alcance mais profundo e vital da obediência religiosa. É pela fraternidade na comunidade que descobrimos o caminhar de Deus em nossa história. Haverá sempre alguém que terá a última palavra. É aquele que está à frente da comunidade. É ele o intérprete mais autorizado da voz da comunidade.

Na vivência da fraternidade cristã encontra-se, hoje, o sinal profético que cria credibilidade e transformação. A fraternidade considerada na luz do **um só** em Cristo Jesus, um só que, por sua vez, se ilumina no "Eu e o Pai somos um só" (Jo

10,30). A comunhão intratrinitária é o modelo acabado da fraternidade cristã.

Na prática da fraternidade é bom pensar como Deus nos ama, nos ama gratuitamente, e nos ama como somos. Deus aceita-nos e nos ama como somos. E até nos ama muito mais do que somos capazes de amar a nós mesmos. Ama-nos com amor infinito. Será que o acreditamos?

Logicamente, nós também devemos amar-nos gratuitamente, aceitando-nos como somos. Está aí o caminho da superação de inúmeras tensões e de muitos conflitos que enchem a nossa vida fraterna.

Temos Deus PAI, Deus FILHO e Deus ESPÍRITO SANTO. Não sei se já nos perguntamos alguma vez: por que PAI? Por que FILHO? Por que ESPÍRITO SANTO? Será que este ser PAI, este ser FILHO, este ser ESPÍRITO SANTO tem algum alcance e significado especial para a nossa existência, para a nossa vida?

"Não tendes muitos pais; um só é o vosso Pai, o celeste" (cf. Mt 23,9). Esta paternidade caracteriza a nossa fraternidade — Somos uma só Família. O PAI, que gera eternamente o FILHO, escolhe-nos neste FILHO, o seu Bem-Amado, o Filho do seu amor (Cf. 1,6; Col 1, 13), antes que o mundo fosse. Somos escolhidos no FILHO pelo PAI antes que o mundo fosse, para sermos santos como Ele é santo (Lev 19,2; 1 Pd 1,15), no amor (Ef 1,4). Para sermos, à semelhança do Filho do seu amor, filhos no amor.

É profunda a indicação de Jesus: “Permaneçei no meu amor como eu permaneço no amor do Pai” (Jo 15,7-10). Só assim a nossa alegria, o nosso gozo será total (Jo 15,11).

Por que? Só em Jesus, amor do Pai, encontra-se a plenitude.

Por isso também é “esta a vida eterna: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3). “O único Deus verdadeiro” — nada de deuses falsos, nada de ídolos em nossa vida. Eles só trazem a morte! — “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). “Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,27). E foi de fato “o Filho Unigênito, que está no seio do Pai, quem no-lo revelou” (Jo 1,18).

E quem faz o enlace de toda esta vida maravilhosa em Deus e em nós? Nenhum outro a não ser o **Espírito Santo**, o Amor do Pai e do Filho, amor de Deus derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rom 5,5) (João Paulo II, Encíclica “Dominum et vivificantem”, 18-5-1986, n. 67). É no coração do homem que “se encontra o lugar recôndito do encontro com o Espírito Santo, o Deus escondido, tornando-se aí o Espírito Santo ‘nascente de água que jorra para a vida eterna’” (Jo 4,14 — João Paulo II, ibidem, n. 67). É a constante presença e atuação do Dom Incriado, do Amor, da Santidade, da Verdade, no coração do dom criado, o homem, feito à imagem e semelhança de Deus, filho no

Filho de Deus por obra e ação do Espírito Santo.

Na realidade, não estamos na **orfandade**, não somos **órfãos**. Temos um Pai, que é sempre fiel e que com tanto amor nos diz: “tudo o que é meu é teu” (Lc 15,31). Aliás, nada temos nem somos que não nos tenha vindo do Alto, do Pai das luzes (= das constelações), junto de quem não há mudança nem sombra de mudança (Tg 1,17). A paternidade de Deus envolve o Universo: “Dobro os meus joelhos em presença do Pai, do qual toda gente no céu e na terra recebe nome” (Ef 3,14-15). É esta presença do Pai pelo Filho no dinamismo do Espírito Santo que dá consistência à nossa fraternidade. A nossa fraternidade (comunidade) é uma **palavra profética** anunciada ao mundo para que ele creia que o Filho do amor do Pai veio e que o Pai nos amou como amou o Filho (Jo 17,21-23). É, por isso, o Amor Incriado sempre ativo em nossa comunidade (fraternidade). Ele é a Alma da Igreja! Ele é o Animador por excelência do nosso amor fraterno. É ele que, com a nossa colaboração, faz novas todas as coisas, transformando os nossos corações de pedra em corações de carne (Ez 11,19).

A fraternidade cristã é, assim, por sua própria natureza, **profecia e fermento dinâmico** daquilo que todos são chamados a ser. Em nosso ambiente o mais total respeito a todo e qualquer ser humano por mais desprezível ou insignificante que ele nos apareça: “O que tiverdes feito ao menor dos meus irmãos, a mim o tereis feito” (Mt 25,40), não importa, como bem mostra a

parábola do bom samaritano, nem o seu credo nem a sua ideologia (Lc 1Q, 30 ss.).

É preciso criar condições para que cada qual possa ser gente, sentindo-se irmão um do outro. A reflexão sobre a **igualdade** humana e cristã **fundamental** entre todos é indispensável para não se esvaziar a fraternidade. Palavras bíblicas como “não julgueis para não serdes julgados, não condeneis para não serdes condenados, sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso, com a medida com que medirdes ser-vos-á medido outra vez” (cf. Lc 6,36-38), tornam-se orientação obrigatória na vivência da dimensão profética de nossa vida consagrada ao Deus sumamente amado. **Perdão — Reconciliação — Compreensão — Misericórdia** serão presença constante em nosso ser fraterno. Penso que as conhecidas passagens dos Atos sobre a comunidade cristã em Jerusalém não perderam a sua atualidade. Lá como, numa síntese, encontramos, de modo concreto, o que significa para o mundo de hoje, como profecia, a vivência fraterna (Atos 2,42-47; 4,32-37). Da mesma forma as parábolas (alegoria) do Bom Pastor (Jo 10; Lc 15; Mt 18), do Pai Misericordioso (Lc 15), do Bom Samaritano (Lc 10) e do Fariseu e Publicano (Lc 18), indicam a medida do nosso ser profético num mundo tão órfão, tão necessitado de carinho, ternura, amor fraternos: “Tudo o que é meu é teu”; “Se gastares algo a mais, na volta eu o pagarei”; “Derramou óleo e vinho sobre as feridas”. Só a doação total de si mesmo impacta o mundo perdido no espaço!

A nossa identificação em tudo com Jesus Cristo deve ser levada ao ponto máximo incluindo a nossa morte corporal. Ela deve tornar-se como o foi para Jesus a doação suprema do nosso amor a Deus e aos irmãos. Não há em nossa vida momento mais decisivo e relevante do que o da nossa morte. Tantos morrem prematuramente, vítimas da injustiça de um sistema voraz que está levando a humanidade à própria destruição: “... com todo o progresso vertiginoso da civilização técnico-científica e não obstante as reais conquistas e as metas alcançadas, **o homem está ameaçado, a humanidade está ameaçada**” (João Paulo II, Encíclica “Dominum et vivificantem”, n. 65). É a autodestruição de que o Papa já falou na “Redemptor Hominis”, na “Dives in Misericordia” e na “Laborem Exercens”. A nossa atitude deve ser a de Jesus: a oblação voluntária: numa obediência, numa escuta e adesão à Palavra de Deus até a morte e morte de cruz. Deve ser aceita livremente, numa participação nossa muito consciente, para livrar os nossos irmãos desta iniquidade a que estão sujeitos e quebrar o sistema pecaminoso instalado em nosso mundo. Deste grãozinho de trigo a mais que morre, vai brotar nova vida. A morte faz parte da **profecia** de nossa vida. A Cruz é o instrumento que mais alto grita: quando eu for exaltado, atrairei tudo a mim. Isto ele dizia significando de que morte morreria (Jo 12,34). Afinal, ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos (Jo 15,13). **Jesus, pela entrega de si mesmo, salva o povo.** Dentro desta visão de fé, uma das

nossas especialidades **proféticas** será a de transmitir alegria e confiança: “não estamos só; o Pai está sempre conosco” (cf. Jo 16,32). “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito — Pai, em tuas mãos eu me entrego — E inclinando a cabeça, entregou o seu espírito” (Lc 23,46; Jo 19,30). “Tudo está consumado!” (Jo 19,30).

5. O Evangelho da Liberdade

Fraternidade e liberdade ligam-se estreitamente. É digna de maior aprofundamento a 1 Pd 2,9-10: “Mas vós sois a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclaméis as excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa, vós que outrora não éreis povo, mas agora sois o povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes”. Esse texto possui uma ressonância no Antigo Testamento, Êxodo 19,6, quando Deus diz ao povo hebreu: “Vós mesmos vistes o que eu fiz aos egípcios, e como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe a mim. Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos, porque toda a terra é minha. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa...”. O Apocalipse retoma a mesma idéia: “Fez de nós um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai... Deles fizestes para nosso Deus um reino de sacerdotes e eles reinarão sobre a terra” (Apc 1,6; 5,10).

O que significa um reino de sacerdotes? Um reino de reis e sacer-

dotes? Todos reis; todos sacerdotes; todos iguais; todos soberanos; nenhum inferior; nenhum superior; todos irmãos entre si; todos respeitando e lutando pelas leis de Iahweh! Assim anunciando as maravilhas de quem os tirou das trevas para a sua luz maravilhosa, de quem os tirou da escravidão do Egito, carregando-os sobre asas. Um povo profético, um povo santo, um povo régio, um povo sacerdotal. São todos os nossos títulos! Será que desejamos títulos mais gloriosos do que estes?!...

E como Nosso Senhor nos quer ver honrando estes títulos! Como Ele gosta de nos ver soberanos! Como gosta de nos ver livres! “Aquele que ama seu pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim. E aquele que ama filho ou filha mais do que a mim não é digno de mim. Aquele que não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim. Aquele que acha a sua vida, vai perdê-la, mas quem perde a sua vida por causa de mim, vai achá-la” (Mt 10,37-39). Para ser perfeito, é o mesmo que dizer para ser livre, é preciso deixar tudo e seguir Jesus no mesmo despojamento que Ele assumiu vivendo entre nós. O Filho do Homem não teve onde reclinar a cabeça. Ele não tem com que pagar o imposto. Ele não está amarrado a ninguém nem mesmo à sua querida Mãe. Aos doze anos permanece no Templo, enquanto José e Maria o procuram entre os parentes e amigos. Quando, admirados, o encontram no Templo, a sua resposta é: “Não sabíeis que eu devia estar na Casa do meu Pai?” (Lc 2,49). Na Casa do Pai, lá é o seu lugar. Não havia lugar para eles na hospe-

daria. Na Casa do Pai sempre há lugar. Há lugar para todos. É a Casa de quem é livre, totalmente livre. Na Casa do Pai não há maior nem menor; todos são iguais; um só é o Senhor, Deus o Altíssimo, o Excelso. Mas, apesar de Altíssimo, apesar de Senhor, Ele não empata a liberdade de ninguém. Antes é na Sua liberdade que todas as liberdades encontram a sua perfeição. Na oportunidade, José e Maria nada compreenderam. Jesus desceu com eles para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe conservava tudo em seu coração (Lc 2,50-51). Não era fácil entender. Havia aí um mistério. Havia aí algo completamente novo. O que era? Mais tarde ainda, nas bodas de Caná: "Eles não têm mais vinho". Respondeu-lhe Jesus: "Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou" (Jo 2, 3-4). Desta vez Jesus também foi submisso à sua Mãe, mas em plena liberdade de decisão. Tudo tão misterioso. Como também em nossa vida, tudo tão misterioso. Parece que conseguimos superar uma dificuldade e já se levanta outra. Não entendemos bem tanto sacrifício que se nos pede. Mas, o caminho é por aí mesmo. É no lusco-fusco da fé que se vai aperfeiçoando a nossa liberdade. As nossas decisões vão amadurecendo e sempre, logo mais adiante, enxergamos que foi assim melhor para nós. No momento em que nego um sacrifício, estou negando a aliança do Senhor, estou prejudicando à minha liberdade. Não são os assírios nem os babilônios nem os egípcios nem o rei de Israel nem qualquer outra aliança que garante a nossa liberdade. É tão somente a aliança de Iahweh que dá

plena segurança. "Se não o crederdes, não subsistireis" (Is 7,9; cf. tb 2 Cr 20,20).

Em nossa liberdade joga um papel importante a **imagem** que nós fazemos de Deus. Qual é esta imagem dentro de nós? Quem é Deus para nós? Dizia Jesus: "Se não vos converterdes e tornardes como crianças, não podereis entrar no Reino dos Céus". Que conversão é esta de se tornar criança? Li uma explicação exegética que diz: se não aprenderdes de novo a dizer ABA-PAI, não podereis entrar no Reino dos céus. Está aí a imagem que devemos ter de Deus, a imagem de Aba-Pai. Deus é o nosso Pai. Pai Nosso que estás no céu... Este Pai é o modelo para toda a nossa vida. Jesus quer que todo o nosso ser e agir se oriente segundo o ser e o agir do Pai. Devemos fazer o bem para que os homens vejam as nossas boas obras e glorifiquem o Pai que está no céu. Nunca devemos procurar os elogios e aplausos dos homens porque, desta forma, o Pai Celeste não nos poderá recompensar. Em nossa oração é necessário procurar primeiro a glória do Pai, a expansão do seu reino, o cumprimento de sua vontade e só então pensar em nós. Necessitamos amar os inimigos, ser bons para com os que são maus conosco, rezar pelos que nos perseguem e caluniam, a fim de sermos filhos de nosso Pai Celeste, o qual faz nascer o sol sobre bons e maus e faz vir chuva sobre justos e injustos. Nosso modelo de perfeição é o Pai Celeste (cf. Mt 5,16; 48; 44 ss.; 6,9 ss. etc.).

E como é este relacionamento com o Pai, Jesus deixa-o ver atra-

vés do seu próprio relacionamento. É interessante ver sobretudo o evangelista São João. É um relacionamento todo impregnado de confiança, de amor, de conhecimento, de doação.

Será que Deus como Pai significa algo para a nossa vida e em nossa vida?

Devemos ser muito livres para escutar o que o Espírito tem a dizer à sua Igreja. Livres para escutar o Espírito de Deus. Livres para escutar o Espírito Santo que fala e

age em nós. Livres para descobrir os caminhos de Deus em nossa vida, os passos libertadores divinos. Livres para questionar e nos deixar questionar. Livres para não fazermos compromissos ou aceitar acomodações com forças dominantes. Num mundo tremendamente dominador, a nossa liberdade é um sinal profético de valor incalculável. Encontramo-nos num mundo amarrado, sensível, cheio de suscetibilidades, de conchavos, de manipulações... O mundo deve ver a nossa total liberdade e glorificar o Pai que está nos céus. □

A Fidelidade — A Lei — A Aparência

Bíblia — “Não julgueis que vim abolir a lei ou os profetas. Não vim para os abolir, mas, sim, para levá-los à perfeição”, Mt 5, 17.

Leitor — A Lei vai ser cumprida integralmente. Nem uma letra ou uma vírgula deixarão de acontecer. Tudo terá pleno cumprimento, não em sua materialidade, mas no seu espírito. E o espírito da lei toda é este: ser justo, ser misericordioso, ser irmão no sentido mais singelo e evidente. E agir diante de Deus. A lei, assim entendida, é sabedoria da parte de Deus. Cumpri-la é sabedoria da parte do homem. É o caminho do céu. É entrar na ótica de Deus, ou seja, priorizar a interioridade sobre a aparência. Preocupar-se, portanto, com o primeiro lugar, com a aparência, em demasia, é revelar não ter o senso de Deus. É sintoma de vazio interior. “O essencial é invisível”, afirma o Pequeno Príncipe.

Bíblia — “Pouco me importa ser julgado por vocês. Quem me julga é o Senhor. Ele mostrará o que estiver escondido e manifestará os projetos dos corações. Cada um receberá, então, de Deus, o louvor que merece”, 1 Cor 4, 1-5 (Pe. Marcos de Lima, SDB).

PARECER SOBRE O RELATÓRIO DE ATIVIDADES DA CRB:

1983-1986

— Consideramos o Relatório apresentado uma verdadeira riqueza e uma expressão da vitalidade de nossa CRB. Além de organizado e objetivo, não se limita a um elenco de dados e realizações, mas traduz muito bem as tendências e avanços, as inquietações, questionamentos e esperanças da Vida Religiosa no Brasil. Serve como fonte de consulta e orientação.

— Endossamos a análise do Conselho Superior da CRB, em seu parecer sobre o triênio, quanto à fidelidade às prioridades estabelecidas pela XIII AGO.

— Queremos também fazer alguns destaques sobre as diversas partes do Relatório:

1) Direção

— Não obstante as várias substituições de membros, a Diretoria cumpriu com a sua missão de “animar, promover e coordenar a VR no Brasil”.

— Constituiu um grupo de vida, e não só de trabalho. Cfr. p. ex. pág. 19: “Diariamente, na sede da Nacional, os membros do Executivo se reúnem para a Eucaristia, celebrando a vida que acontece na CRB”.

— Alguns pontos a sublinhar: descentralização de atribuições — corresponsabilidade e unidade —

criação de grupos de assessoria — reuniões da Diretoria, Executivo e Regionais, Diretoria e Organismos.

2) Formação

2.1 — Equipe de Reflexão Teológica

Gostaríamos de acentuar nos serviços da CRB através da ERT os seguintes pontos que aparecem no Relatório:

a) A excelência, especialização e variedade da Equipe.

b) A presença nela de duas mulheres, cabendo-lhes o serviço de coordenação.

c) O vasto trabalho produzido e divulgado.

d) A oportunidade e a felicidade do texto “Os profetas bíblicos interpelam a VR”, com a conseqüente divulgação e reflexão amplas.

2.2 — CETESP

Além de se perceber a continuidade dinâmica do mesmo a serviço de uma maior segurança nas linhas de formação para a VR no Brasil, consideramos como um dos pontos altos deste Relatório a conscienciosa e ampla avaliação do mesmo Centro para torná-lo ainda mais eficiente em seus serviços.

2.3 — CERNE

O Relatório, após expor os objetivos do Curso, o número e os responsáveis deles, recolhe também alguns depoimentos de Cernistas e da Coordenação, revelando a repercussão dessa iniciativa na VR, como momento forte de reciclagem. São apontadas algumas dificuldades para a realização do CERNE, mas, pelos resultados obtidos, parece que o trabalho vem sendo bem compensado.

2.4 — PRÓ-FOCO

Consideramos como pontos a sublinhar:

— o fato de cada cursista repetir para a sua comunidade a etapa realizada, relatando o resultado de seu trabalho ao iniciar a etapa seguinte;

— o crescimento da comunhão e integração entre as várias Ordens Contemplativas;

— a maior sintonia dos Mosteiros com a realidade eclesial, suas exigências e seus desafios;

— a consciência de que a VR contemplativa ajuda a sustentar a luta pela justiça e a fidelidade dos homens a Deus;

— o estudo do documento “Os profetas bíblicos interpelam a VR” e a constatação de desafios bastante fortes para a vida contemplativa.

2.5 — Superiores Gerais de Congregações Brasileiras

Entre as perspectivas destaca-se a de prosseguir na busca da “fisio-

nomia” das Congregações Brasileiras para concretizar hoje a originalidade fundacional no contexto da realidade brasileira atual.

2.6 — GRF

Houve uma retomada no empenho que a CRB vinha desenvolvendo, procurando dar à Formação aquele enfoque adequado ao momento atual.

Destacamos:

— A criação do GRF Nacional e, conseqüentemente, dos GRFs em quase todas as Regionais.

— A nova metodologia dos Seminários, possibilitando a participação de formadores de maior número de Regionais e de Congregações.

— Os Cursos realizados em diversas Regionais.

— A atenção ao Formador — e ao Formando.

— Revalorização da orientação espiritual.

2.7 — GRI

Assumindo a prioridade, inserção estabelecida pelos Superiores Maiores na XIII AGO, a Diretoria muito fez, não só para os religiosos inseridos em meios populares, mas também apoiando, incentivando e acolhendo as iniciativas dos próprios religiosos.

Para melhor dinamização do setor foi criado o GRI Nacional que está se estendendo às Regionais, através dos GRIs Regionais.

Ressaltamos ainda a realização dos três Seminários, em Regiões diferentes, com nova metodologia e conteúdos adequados às necessidades constatadas pelos religiosos inseridos.

2.8 — GRE

A CRB deu um apoio maior aos religiosos que atuam no campo da educação, sobretudo ajudando a discernir as exigências que o momento histórico faz às Congregações cujo carisma inclui a Pastoral da Educação e a buscar alternativas a partir do Ser Religioso e da opção pelos pobres.

O desenvolvimento do GRE Nacional e dos GREs Regionais muito contribuiu para aprofundar a reflexão e envolver maior número de pessoas, o que favorecerá a união de forças e a tomada de decisões concretas.

Destacamos a realização dos diversos Seminários, quer a nível nacional, quer a nível inter-regional, e a integração com a AEC e CNBB, sobretudo por ocasião do Encontro de Provinciais sobre "Igreja e Democratização do Ensino", em maio de 1986.

2.9 — GRS

O fortalecimento da equipe do GRS e o melhor relacionamento com as Regionais representa uma ajuda importante a um setor que vem carecendo de maior animação até mesmo da Igreja, no sentido de revitalizar o Ser Religioso na área saúde e descobrir novas dimensões de atuação.

A destacar: os encontros realizados, a participação na Pastoral da Criança, o avanço numa nova compreensão da saúde preventiva, global, comunitária e popular.

3) Publicações

— A revista *Convergência*, com cerca de 3.000 assinaturas no triênio, ocupa o maior espaço do Relatório ao tratar das publicações da CRB.

Dado que marcou positivamente a revista neste triênio foi a adoção de um tema central anual, além do cuidado para usar linguagem acessível à maioria dos religiosos, conservando o nível de profundidade teológica.

4) Comunicação

— O Relatório apresenta detalhadamente um vasto leque de comunicações da CRB com outros organismos, visando sempre a animação da VR no Brasil.

— Percebemos o alto nível de interesse eclesial desses contatos, particularmente intensos no que se refere ao relacionamento com as Regionais e com a CNBB.

5) Serviços

— Fica claro no Relatório o aumento e eficiência dos serviços prestados na área de especializações e bolsas de estudo mesmo considerando que tais serviços ainda não atingem as regiões mais carentes do Brasil, fato não devido à vontade da atual gestão da CRB.

6) Funcionários

— Percebe-se a partir do Relatório, e de quanto se vê e se ouve dizer, a harmonia, o espírito de família e a preocupação formativa existentes entre os funcionários da CRB Nacional e a Direção da Entidade.

Concluimos, parabenizando a equipe da CRB Nacional pelo brilhante trabalho e generoso serviço prestados à VR no Brasil, no triênio que agora finda.

São Paulo, 24 de julho de 1936
XIV AGO — Comissão “ad hoc”:

Assinam:

Irmã Maria de Lourdes Barreto,
FMA

Irmã Adylles Augusta Rossato,
ICM

Padre Décio Zandonade, SDB

Irmão Antonio Carlos M. Ramalho, FMS.

Vida Religiosa & Democracia

Será a democracia aplicável à Vida Religiosa?

Até que a pergunta é pertinente. Estamos em clima de eleição e Constituinte. Creio, porém, que não se aplica a democratização à Vida Religiosa. O conceito de democracia, proposto à sociedade civil, se transposto para a Vida Religiosa geraria distorções, criaria expectativas falsas e imporiam modos de agir não condizentes com sua natureza. Os critérios da Vida Religiosa não podem ser os critérios de uma sociedade qualquer. Na Vida Religiosa não se podem implantar mecanismos de representatividade de classes. O que se pretende é corresponsabilidade, é partilha, é presença e ação. O ideal não é estar acima. Nem abaixo. É envolver-se. Estar por dentro. Aquilo que não se agita, apodrece. Quem se omite nunca tem razão. A solução do silêncio, do escape, a postura da fuga, do isolamento: são uma total impropriedade, um sério pecado de nossos dias. É sucumbir pura e simplesmente ao medo, sem praticar nenhuma virtude.

E o Superior? E a Superiora?

A figura de quem preside, de quem dirige é insubstituível em qualquer grupo, comunidade ou sociedade. Mas em Cristo somos todos filhos de Deus. Conseqüentemente, todos irmãos. Não sobra lugar para nenhum pai aqui na terra. Parece ser anti-cristão todo paternalismo porque encerra domínio, mantém dependência, reivindica superioridade, gera discriminação, identifica presunção de privilégio. O Superior, a Superiora — a autoridade — é imprescindível. Mas não é paternal, nem maternal. Na Vida Religiosa a autoridade é fraterna. Não vai à frente. Não caminha na retaguarda. Está sempre ao lado (Pe. Marcos de Lima, SDB).

PRIORIDADES

LINHAS DE AÇÃO:

1986-1989

A XIV ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA CRB refletiu sobre a DIMENSÃO PROFÉTICA DA VIDA RELIGIOSA NO BRASIL a partir da visão bíblico-teológica do profetismo.

Tendo presente que:

— O profetismo é elemento constitutivo da Vida Religiosa como seguimento de Jesus e compromisso com o Reino.

— Os conflitos originados nas estruturas injustas da sociedade brasileira constituem um lugar teológico que interpela os Religiosos.

— O nosso país, vive um momento decisivo, na busca de uma ordem constitucional justa.

— As opções pastorais de nossa Igreja procuram responder aos clamores do nosso povo oprimido.

— A transformação da Vida Religiosa à luz do Vaticano II, Medellín e Puebla brota do processo de conversão que passa pela mediação do pobre, **assume como PRIORIDADE:**

O compromisso de viver a dimensão profética da vida religiosa:

* Discernindo criticamente no contexto sócio-ecclesial, as formas adequadas de encarnação-missão;

* Impulsionando a inserção nos meios populares, segundo a diversidade dos carismas;

* Aprofundando a espiritualidade que nasce da experiência de Deus no compromisso com a libertação do povo.

Para operacionalizar esta Prioridade, a XIV AGO propõe como linhas de ação:

1. Inserção nos meios populares

1.1. Levando em conta a evolução do processo de inserção das Comunidades Religiosas em meios populares, a CRB as assessore na busca de uma Vida Religiosa mais profética a partir da experiência de Deus na vida do povo.

1.2. Com a colaboração dos Religiosos Inseridos, a CRB promova a explicitação e sólida fundamentação de uma espiritualidade encarnada; ajude a aprofundar o sentido da inserção, e anime a releitura e vivência do carisma congregacional no exercício da missão.

1.3. A CRB continue incentivando os Religiosos a encontrar novas mediações de compromisso libertador com os marginalizados e oprimidos e a redimensionar as próprias obras sociais na linha do testemunho profético.

1.4. A CRB ajude os Religiosos a ser apoio e presença libertadora nos movimentos populares e nas pastorais específicas com particular atenção à formação de lideranças e à organização do povo, visando a transformação da sociedade.

1.5. A CRB apóie as iniciativas na linha da socialização dos meios de produção e bens de consumo pertencentes a Religiosos.

2. Formação

2.1. Frente à realidade conflitiva do nosso contexto sócio-político e econômico, a CRB continue a promover a formação da consciência crítico-profética dos Religiosos, à luz da Palavra de Deus, para participarem lucidamente do processo de transformação da realidade na perspectiva do Reino.

Neste mesmo sentido, a CRB assessore as Províncias Religiosas na elaboração de um projeto de formação integral, coerente com as exigências do testemunho profético, num contexto de conflito.

2.2. A CRB leve as Congregações a orientarem a formação como processo global, superando a dicotomia entre as diferentes etapas de formação.

2.3. A CRB prossiga animando a promoção vocacional e a formação intercongregacional na linha do profetismo, e dê especial atenção à formação na e para a inserção, e à integração fé e política.

2.4. Que a CRB suscite estudos sobre a formação de vocações oriun-

das de meios populares, valorizando sua cultura original e seu engajamento em movimentos populares.

2.5. Que a CRB promova estudos sobre a situação da Mulher Consagrada, seu compromisso profético junto ao povo, e seu papel na Igreja.

3. Saúde

3.1. Que a CRB promova o estudo do processo de socialização da saúde, nas Instituições Religiosas e Civis, dentro da conjuntura atual, visando a um posicionamento crítico frente ao mesmo processo.

3.2. A CRB continue o trabalho junto aos Religiosos, levando-os a assumirem uma postura crítica e a dispensarem particular atenção à saúde comunitária, e à medicina preventiva e alternativa.

3.3. A CRB ajude a repensar, na ótica da evangelização libertadora, a problemática dos hospitais atendidos pelos Religiosos, frente às dificuldades criadas pelos atuais mecanismos de opressão e exploração.

3.4. Através do GRS, a CRB mantenha entendimento com a CNBB para que se chegue a uma organização da Pastoral da Saúde e se estudem em conjunto os problemas sociais que interferem na melhoria das condições de vida.

4. Educação

4.1. Que a CRB apóie a AEC na luta por uma educação democrática, participativa e comunitária, respei-

tadora dos valores cristãos, como agente de transformação.

4.2. A CRB leve os Religiosos Educadores a enfatizar a educação para a justiça e a assumir novas alternativas de educação dirigidas, sobretudo, às classes mais necessitadas, destacando o menor carente.

4.3. Que a CRB ajude os Religiosos a se deixarem questionar pela juventude. Ajude-os igualmente a buscarem, na linha do próprio carisma, respostas adequadas aos desafios lançados pelos jovens.

4.4. Que a CRB fortaleça a animação dos GREs Nacional e Regionais na perspectiva do profetismo.

4.5. Que a CRB encoraje os Provinciais a se unirem na animação profética dos Religiosos Educadores, e na concretização das Conclusões do Encontro de Superiores

Maiores, em maio de 1986, Mendes/RJ.

5. Envio "Ad Gentes"

Que a CRB, em comunhão com a CNBB, o CIMI, e outros organismos voltados à dimensão missionária, preste maior apoio aos Religiosos que são enviados para um serviço profético "Ad Gentes".

6. Meios de comunicação social

A CRB incentive os Religiosos à leitura crítica e à utilização profética dos MCS, tendo em conta o papel que estes meios desempenham na sociedade atual.

Na operacionalização destas linhas de ação, a CRB atuará em comunhão com a CNBB, e à luz das DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO PASTORAL DA IGREJA NO BRASIL. □

A Lei — O Direito — A Justiça — A Constituinte

Bíblia — "A letra mata, mas o Espírito vivifica", 2 Cor 3, 6.

Leitor — A Lei, da mesma forma como o Direito, não é um fim em si, mas um meio. Na escala dos valores morais não aparece a Lei. Nem o Direito. Aparece, sim, a Justiça. Frente à Justiça, o Direito é tão-somente uma via de acesso. Acima da Lei, o Direito. E acima do Direito, a Justiça. E acima da Justiça, a Fraternidade. A Lei em si é moral e socialmente indiferente. Pode ser boa ou má, imoral ou anti-social. São Paulo fez, para todos os séculos, a luminosa distinção: a letra da Lei mata. O espírito da Lei vivifica. Um país pode viver com Leis más se seus juízes forem bons. A um país, de nada servem boas Leis, se os seus juízes forem iníquos (Pe. Marcos de Lima, SDB).

DIRETORIA NACIONAL E CONSELHO SUPERIOR DA CRB NACIONAL

A XIV Assembléia Geral Ordinária da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, depois de refletir sobre seu tema central, "A dimensão profética da Vida Religiosa no Brasil hoje", e de introduzir algumas indispensáveis modificações no Estatuto da entidade, realizou eleições para os novos quadros de direção da CRB Nacional.

Para Presidente da CRB Nacional foi reconduzido o Irmão CLAUDINO FALQUETTO, FMS.

A nova Diretoria Nacional é composta por:

- Irmã ADYLLES AUGUSTA ROSSATO, ICM
- Irmão ANTÔNIO CARLOS MACHADO RAMALHO DE AZEVEDO, FMS
- Pe. DÉCIO ZANDONADE, SDB
- Pe. FABIO BERTOLI, SJ
- Irmã GERTRUDES MOREIRA; Irm. da Assunção
- Irmã HILDA ROSA, Franc. da Prov. de Deus
- Pe. JOÃO AUGUSTO MAC DOWELL, SJ
- Pe. JOÃO EDÊNIO DOS REIS VALLE, SVD (reeleito)
- Irmã MARIA LÉA RAMOS, FMA
- Irmã ZENILDA NOVAIS ROCHA, CF

Para o Conselho Superior da CRB Nacional foram eleitos:

- Irmão ARLINDO CORRENT, FMS
- Irmã EDWIRGES VANNUCCHI, MJC
- Irmã ILDA MARIA ALOCHIO, JSSmaEucar.
- Irmã INÊS COSTALUNGA, Miss. da Imaculada
- Pe. ISIDRO AUGUSTO PERIN, MS
- Pe. JOVIANO DE LIMA JÚNIOR, SSS
- Irmã NAIR DOS REIS, MJC

CONVERGÊNCIA a todos apresenta felicitações e votos de valioso serviço à causa da Vida Religiosa no Brasil, através da CRB.

Pe. Atico Fassini ms
Secretário Executivo

A IGREJA

E A NOVA CONSTITUIÇÃO

DO BRASIL

Pe. Fernando Bastos de Avila,
Rio de Janeiro, RJ

1 — As Constituições brasileiras

O Brasil, nação independente desde 1822, já teve sete Constituições: a de 1824, que fundava o Império do Brasil; a de 1891 que instituía a República; a de 1934, que inaugurava a Segunda República, após a revolução de 1930; a de 1937, que estabelecia o Estado Novo, ou seja, a ditadura de Getúlio Vargas; a de 1946, que voltava à democracia liberal, após a 2ª Guerra Mundial; a de 1967, que consagrava o golpe militar de 1964 e, enfim, a chamada Emenda Constitucional de 1969, promulgada por uma Junta Militar e que, curiosamente ainda está em vigor, conquanto também emendada.

Das sete Constituições brasileiras, apenas três foram preparadas por uma Assembléia Nacional Constituinte eleita pelo povo. As outras quatro, foram outorgadas ou impostas pelo Poder Executivo.

Em geral, as constituições foram promulgadas sob a invocação do nome de Deus. A Constituição imperial de 1824 foi até mesmo decretada "em nome da Santíssima Trindade".

2 — Porque uma nova Constituição?

A razão é simples. Rigorosamente falando, o Brasil não tem hoje uma Constituição, mas uma Emenda Constitucional, que, em si mesma, é uma aberração de todo Direito. No seu proêmio, diz que os Ministros da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, considerando a situação brasileira, promulgam uma Emenda Constitucional que revoga a precedente e cujo 2º artigo declara que todo poder emana do povo e em seu nome deve ser exercido.

Esta Emenda Constitucional confere poderes ditatoriais a um Presidente da República eleito por um Colégio Eleitoral, para um mandato de 6 anos.

Os Ministros Militares que a promulgaram, imaginavam assim manter indefinidamente a tutela militar sobre a sociedade, através de um partido governamental submisso ao General Presidente.

Aconteceu porém o inevitável. O regime militar, distante da nação, perdeu credibilidade envolvido nas

formas mais escandalosas de corrupção impune. A crise interna, exacerbada pelos choques externos das altas dos preços do petróleo e das taxas de juros, provocou um movimento popular exigindo eleições diretas. O movimento se avolumou, assumindo proporções gigantescas, nos maiores eventos cívicos da história brasileira. O Congresso pressionado pelos militares, conseguiu derrubar o projeto de eleições diretas, mas nada conseguiu deter o movimento da nação exigindo, mudanças imediatas. Foi este movimento que conseguiu a vitória no Colégio Eleitoral, do candidato da oposição Tancredo Neves, que inaugurava a Nova República e prometia a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. O sucessor de Tancredo Neves, seu vice-presidente, e hoje Presidente da República, José Sarney, manteve o compromisso: convocou uma Assembleia Nacional Constituinte a ser eleita a 15 de novembro do presente ano.

3 — Uma esperança frustrada

A nação e, dentro dela, a Igreja no Brasil, depositavam sua esperança na eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte que interpretasse de maneira autêntica as grandes aspirações de mudanças institucionais reclamadas pelo povo, contra os interesses conservadores do **status quo**. Para tanto, julgava-se, talvez com uma certa ingenuidade, que a Assembleia fosse autônoma; que se das pressões do poder econômico, sob duas condições: que a Assembleia fosse autônoma; que se permitisse a eleição de candidatos avulsos, não vinculados necessaria-

mente aos partidos políticos comprometidos com interesses eleitorais.

Infelizmente, as duas condições foram negadas pelo próprio Congresso Nacional, aprovando proposta do Poder Executivo. A Assembleia Constituinte será composta pelos deputados e senadores a serem eleitos a 15 de novembro, entre candidatos apresentados pelos velhos partidos, políticos que decepcionaram a opinião pública.

Para contrabalançar, de certo modo, esta decepção foram tomadas duas medidas.

A primeira, foi a nomeação de uma Comissão de Estudos Constitucionais, encarregada de preparar um anteprojeto de Constituição, a ser oferecido pelo Executivo, como subsídio à futura Assembleia Nacional Constituinte. A composição desta Comissão procurou refletir os diversos segmentos representativos da Sociedade. O autor destas linhas faz parte desta Comissão, a qual recebeu mais de 10.000 propostas de todas as classes e regiões do país, sugerindo idéias a serem incluídas no anteprojeto.

A segunda medida foi a preparação, ainda em debate, de um projeto de lei coibindo a interferência do poder econômico na eleição dos futuros deputados e senadores constituintes. A nação não esconde seu ceticismo com relação à eficácia de tal projeto.

4 — O desafio da Igreja

O Brasil é hoje, estatisticamente, a nação católica mais numerosa do

mundo. Será que uma nação com tão grande número de católicos não será capaz de eleger constituintes dignos e confiáveis, ou seja, constituintes que defendam valores e princípios coerentes com as profundas aspirações humanas e cristãs do povo?

É este o desafio, para enfrentar o qual, a Igreja está se preparando com coragem e entusiasmo.

A Igreja tem consciência de que toda sua colaboração nestas duas décadas de regime militar, para a construção de uma sociedade menos injusta e mais fraterna, passa agora por uma afirmação de sua presença no processo constituinte.

Como ponto de partida para esta afirmação, a Conferência Nacional Bispos do Brasil (CNBB), aprovou um documento com a participação de 260 bispos, sobre o tema: Exigências Cristãs de uma nova ordem Constitucional. Documento da maior importância, porque explicita os critérios básicos e as exigências imediatas que, à luz da fé, devem orientar os católicos, na nova ordenação da sociedade, nas suas diversas dimensões: social, econômica, política e cultural.

A clara posição, assumida pela Igreja neste documento sobre questões fundamentais, vai permitir e provocar uma ampla mobilização do

povo de Deus, para debatê-las em todos os setores da comunidade nacional: escolas, universidades, sindicatos, associações, as mais variadas, partidos políticos, movimentos leigos. A mobilização deverá desaguçar em manifestações públicas e comícios a nível diocesano, regional e mesmo nacional. Neste processo e nestes debates, o povo de Deus, que constitui a grande massa de cidadãos eleitores, terá oportunidade de ir discernindo os candidatos capazes de defender os princípios cristãos na Assembléia Constituinte, princípios relativos ao direito à vida, inclusive do nascituro, aos direitos da família, à real liberdade de ensino, à destinação social da propriedade, aos direitos do trabalho, à reforma agrária, à participação do povo nas decisões políticas.

A Igreja não se ilude quanto à grandeza das dificuldades que deverá enfrentar: a solécia dos políticos profissionais, a força do poder econômico, a timidez dos próprios católicos em assumir sua responsabilidade política, neste momento decisivo.

A consciência das dificuldades é a primeira condição para superá-las. A Igreja contudo sabe também que nenhuma instituição tem hoje no Brasil uma presença junto às bases maior que a sua. E os seus inimigos também sabem disto.

EXIGÊNCIAS CRISTÃS DE UMA NOVA ORDEM CONSTITUCIONAL **IGREJA E CONSTITUIÇÃO**

A Igreja no Brasil, através de sua ação pastoral, no campo social, procurou dar sua contribuição para a

construção de uma sociedade justa e fraterna. Pode-se mesmo afirmar que o empenho nesta construção foi

o objetivo que revela o sentido e a coerência das numerosas iniciativas, pronunciamentos, campanhas desenvolvidas pela Igreja, na sua pastoral social, especialmente durante os anos difíceis do ciclo militar que se encerrou, com o advento da Nova República.

A Igreja tem consciência que seu desejo de contribuir para uma sociedade mais justa e fraterna passa hoje por um esforço de explicitar as exigências cristãs de uma nova ordem constitucional. Desenvolvo aqui os temas principais da 1ª parte do documento da CNBB.

1 — Importância do Momento Político

O Brasil atravessa um momento político grave. As opções a serem feitas neste momento serão decisivas para o futuro da nação diante da alternativa com a qual ela se defronta. A alternativa é a seguinte: ou preparar o caminho para a consolidação de uma democracia realmente participativa com a elevação das condições de vida da população a níveis de decência social, ou perder esta oportunidade histórica, esvaziando o sentido de novidade que se pretende garantir à atual experiência política brasileira. Por outras palavras: trata-se ou de optar por construir algo de realmente novo, ou de oferecer à nação o triste espetáculo de um mero revezamento no poder de lideranças políticas presas aos mesmos interesses partidários, preocupadas com os mesmos cálculos eleitoreiros, vítima dos mesmos vícios políticos e apenas retoricamente empenhadas com as mudanças profundas e radicais nas

quais a nação deposita sua esperança na novidade da República que se anuncia.

Perdida esta chance histórica, a frustração do povo poderia precipitar a nação num processo de turbulência social de conseqüências imprevisíveis. As disparidades sociais e regionais se acentuariam até aproximar-se perigosamente da situação de um apartheid social, no qual, setores minoritários altamente modernizados da sociedade seriam submersos na inundação crescente da pobreza, da indigência e da miséria.

Esta situação extremamente injusta, a ponto de tornar-se ameaçadora, exige, como primeira condição de sua superação, uma profunda reforma das instituições, reforma que deverá consolidar-se num novo pacto constitucional.

2 — O Sentido da Constituição

A rigor, o Brasil não possui uma Constituição. Possui uma Emenda Constitucional outorgada em 1969 pela Junta Militar então no poder. Tal emenda se destinava a dar maiores poderes discricionários ao regime militar instalado pelo golpe de 1964.

O governo militar se extinguiu submerso pelos grandes movimentos cívicos que se estenderam a toda nação, em 1984. Inaugurou-se um novo regime político já denominado de Nova República. Um novo regime não pode continuar a funcionar com uma velha constituição, inadequada às novas realidades e in-

capaz de responder aos novos anseios da nação.

Uma constituição, com efeito, é o pacto institucional fundamental que deve regular toda a vida da nação. É a lei básica que consagra as grandes normas com as quais se devem conformar todas as leis. É a Carta Magna à qual compete, em linhas gerais, sem entrar em minudências regulamentares:

1 — legitimar o poder do Estado e organizar a forma pela qual deve ser exercido;

2 — definir as relações dos Poderes Nacionais, Executivo, Legislativo e Judiciário, sua organização e suas competências;

3 — delimitar as áreas de competência do exercício do poder em seus diversos níveis: federal, estadual e municipal;

4 — explicitar os deveres do Estado para com a nação e a maneira pela qual deve cumpri-los através da administração pública;

5 — assegurar as liberdades cívicas, as garantias individuais e os direitos sociais, bem como os mecanismos eficazes para reivindicá-los.

6 — garantir a soberania nacional e a preservação da ordem democrática.

A nação está vivendo intensamente o processo constituinte, através do qual vai explicitando suas aspirações e anseios e vai discernindo aqueles que melhor a deverão representar na Assembléia a ser eleita no dia 15 de novembro. É um momento privilegiado de educação e conscientização política do povo. A

participação do povo neste processo é de uma importância decisiva. Só um povo que participa assumirá a futura constituição como obra sua; saberá comprometer-se com ela e exigir a sua vigência. A Igreja, que caminhou junto a este povo no período difícil que se encerrou, não poderá omitir-se no momento decisivo que inaugura um novo período da vida nacional.

3 — A Colaboração da Igreja

É difícil compreender a atuação pastoral da Igreja no Brasil sem referi-la a um fato de capital importância. A Igreja chegou a uma consciência clara de duas realidades: primeira, o Brasil é hoje numericamente a maior nação católica do mundo; segunda, o Brasil é hoje o país marcado pelas mais profundas discriminações sociais do mundo. Esta dupla constatação despertou na Igreja uma aguda preocupação por sua responsabilidade evangelizadora. Se nenhuma ideologia tem exigências sociais mais radicais do que as decorrentes da fé no evangelho, na Boa Nova da salvação, não é tolerável que o maior país católico do mundo seja incapaz de demonstrar ao mundo que, a partir da fé, é possível construir uma sociedade justa e fraterna.

É a consciência desta dupla realidade que permite entender a coerência da atuação da Igreja, no campo da pastoral social, coerência que não elimina tensões e contradições: a Igreja optou pelas mudanças profundas e radicais, mas rejeitou sempre a violência como meio de realizá-las. Sua opção, em sua dupla dimensão, pela mudança, contra a

violência, foi reconhecida como pastoralmente válida, em inequívocos pronunciamentos do Santo Padre, por ocasião de sua visita à nossa Pátria.

Não era, entretanto, uma opção cômoda. Situava-se entre fogos cruzados: de um lado, os que se beneficiavam fartamente de uma situação de injustiça social; de outro, os que a acusavam de reformismo conformista e se impacientavam por transformar em luta ostensiva os conflitos latentes gerados pela mesma injustiça.

A nação amadureceu no sofrimento nestes longos anos de arbítrio e da difícil conjuntura por eles legada. O amadurecimento se processou exatamente na linha de coerência da Igreja. Hoje, existe o consenso nacional pela necessidade das mudanças e pela necessidade que estas mudanças se realizem dentro dos espaços democráticos abertos pelo novo regime. Por outras palavras: existe o consenso de que as mudanças devem passar por um novo pacto constitucional.

Estamos vivendo o momento histórico no qual a Igreja, continuando na sua linha de coerência, deve colaborar ativamente para que este novo pacto, dando uma base constitucional às mudanças inadiáveis, canalize, para a construção de uma nova sociedade, os dinamismos que se extenuariam em conflitos e violências de altos custos sociais e humanos.

Dentro deste objetivo, a colaboração específica da Igreja deverá orientar-se principalmente para aquelas áreas onde estão em jogo

valores éticos fundamentais. Ela tem consciência de que, sem a preservação destes valores, as mudanças ou serão frustradas, gerando novos conflitos, ou servirão de pretexto para atropelar direitos inalienáveis da pessoa humana. Entre estas áreas, ressaltam como de maior importância: a organização do poder a serviço do bem comum e os direitos relativos à vida, à família, à educação, ao trabalho e à propriedade.

4 — A Participação do Povo

A colaboração da Igreja não deve ser dissociada da participação do povo. A Igreja é o sacramento da unidade, o sinal visível e eficaz da reconciliação a ser celebrada na ação de graças, a eucaristia, pelo povo de Deus, unido a seus pastores, para acolher, proteger, respeitar e promover a vida comunicada por Cristo através de seu Espírito. A colaboração da Igreja far-se-á, assim com o povo, pelo povo e para o povo.

Este povo é um povo que, na sua grande maioria guarda a fé cristã que recebeu através de quase 5 séculos de evangelização, fé sincera e profunda, não obstante as contaminações do sincretismo e as devastações do consumismo permissivista. Neste momento importante da vida nacional, é indispensável que este povo, majoritariamente católico e cristão, tome consciência de sua força. Ele não pode se deixar submergir numa espécie de anonimato católico, deixando que minorias ruidosas ocupem a arena do debate constitucional. Se somos maioria, sejamos uma maioria ruidosa. Num espaço cultural pluralista, temos o

direito de levantar nossa voz em defesa de nossos valores que se identificam com os autênticos valores humanos.

Não é necessária uma análise sofisticada da realidade social para constatar que este povo rejeita a sociedade que aí está; que ele tem anseios e aspirações voltadas para mudanças profundas e radicais. Agora ele tem a chance de realizá-las através de uma participação ativa no debate constitucional que já começou com o processo constituinte. É uma chance nova para milhões de brasileiros que nunca participaram de um tal processo.

A elaboração da constituição não é monopólio de peritos na ortografia constitucional. A contribuição destes é indispensável para dar forma articulada ao texto final. Mas é a participação do povo que deverá definir o seu conteúdo.

Não se trata de uma tarefa difícil, reservada a juristas e a especialistas. Qualquer brasileiro tem condições para participar do debate da Constituinte. Basta que ele reflita sobre as condições de sua vida, de sua família, de seu trabalho, da

realidade em que elas estão inseridas, para poder discernir o que pode ficar e o que deve mudar. Refletindo sobre esta realidade, que ele conhece porque a sofre na própria carne, qualquer brasileiro tem uma palavra a dizer sobre como a sociedade deve se organizar, como deve funcionar no cumprimento dos deveres e no respeito dos direitos, do governo, dos cidadãos e de todas as instituições intermediárias. O importante é não se omitir para não chegar atrasado.

Entretanto, para que esta participação de todos seja eficaz, é indispensável definir conteúdos mínimos necessários, sobre os quais os cristãos devem estar de acordo e pelos quais devem lutar. Esta luta não se identifica com uma campanha por um moralismo conservador que, sob a retórica de um discurso moralizante, esconde a defesa de interesses egoísticos ou classistas. É uma luta por resgatar a dignidade do homem e da mulher, no cenário do novo horizonte cultural em que vivemos, para construir uma sociedade onde seja possível viver com decência e sem medo. A definição destes conteúdos é objeto da 2ª parte deste documento. □

Por que será que tantos se deixam enganar?

O ser humano é feito assim: Não importa se persegue uma quimera. Prefere um falso ideal, um falso profeta, a ideal nenhum, à mediocridade pura.

CORRESPONDÊNCIAS DA XIV AGO DA CRB

1. CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA

Telegrama ao Santo Padre

Religiosas e Religiosos do Brasil, reunidos XIV Assembléia Geral, íntima comunhão com povo Pastores Igreja e Santa Sé presente pessoa Cardeal Prefeito Jean Jérôme Hamer.

Externamos Vossa Santidade jubilosa gratidão luminosa mensagem nós enviada sobre missão profética Vida Religiosa e caminhos formação nova geração religiosos, à luz inserção em Cristo, Profeta do Pai;

e renovamos nosso compromisso consagração a Deus, seguimento Jesus pobre e serviço libertador nosso povo, apoiados força Espírito e alentados magistério e serviço apostólico sucessor de Pedro.

Em Cristo,

Padre João Mac Dowell, SJ
Presidente da XIV AGO

Telegrama ao Presidente da República

Exm^o Sr. José Sarney
DD. Presidente da República

SUPERIORES PROVINCIAIS
representando 50 mil membros Con-

gregações masculinas e femininas reunidos XIV Assembléia Geral Conferência Religiosos Brasil conscientes dramática situação lavradores brasileiros, violência arbitrária grupos poderosos comprometidos pela força da fé libertação povo oprimido sentem dever dirigir Vossencia insistente apelo Reforma Agrária ampla e urgente conforme palavras Santo Padre: ESTE PROJETO NÃO PODE FRACASSAR PORQUE É QUESTÃO JUSTIÇA SOCIAL E DEMOCRACIA.

Padre João Mac Dowell, SJ
Presidente da XIV AGO

Carta à Conferência dos Bispos Católicos da África do Sul

SOUTHERN AFRICAN CATHOLIC BISHOPS CONFERENCE*, P.O. BOX 941 PRETORIA 0001 SOUTH AFRICA, ÁFRICA DO SUL.

Revm^{os} Srs. Bispos,

Nós, Superiores de Congregações Religiosas do Brasil, reunidos em Assembléia, temos procurado acompanhar a solidariedade dos Cristãos com a luta secular do Povo da

África do Sul por sua libertação. Sabemos que "durante muitos anos rezaram para que o governo mudasse sua política. Queremos agora rezar com vocês por uma mudança de estrutura para que o povo se liberte e possa viver em paz".

As recentes notícias nos mostram que hoje os cristãos por sua solidariedade sofrem a mesma repressão que os negros sofreram desde a chegada dos primeiros brancos em 1950. A prisão de tantos padres, pastores, diáconos, seminaristas, religiosas, agentes de pastoral, atesta o esforço de fidelidade dos cristãos ao Nosso Mestre. Queremos aqui manifestar nossa solidariedade e agradecer a Deus pela sua coragem que nos anima a nos comprometer cada vez mais com a luta do povo que aqui como aí busca construir o Reino de Justiça e Paz.

Padre João Mac Dowell, SJ
Presidente da XIV AGO

**¹Essa Carta foi enviada também ao Conselho das Igrejas da África do Sul, ao Ministro da Ordem e da Lei da África do Sul, ao Sr. Embaixador da África do Sul no Brasil, e ao Conselho Mundial de Igrejas.*

²O texto entre aspas foi tirado de um texto do Conselho Sul-africano de Igrejas e publicado em um número de SEDOC do ano passado.

Carta ao Sr. Bispo de Bacabal, MA

Sr. Bispo de BACABAL

Nós Religiosos, reunidos na XIV Assembléia Nacional da CRB la-

mentamos as constantes perseguições e muitas mortes que estão acontecendo na Igreja do Maranhão.

Rezamos suas lutas, suas conquistas, seus grandes esforços para a mudança desse sistema opressor.

Sentimo-nos em comunhão com você e a Igreja de Bacabal, solidários pela mesma causa para que se faça justiça e a fraternidade possa acontecer.

Sr. Bispo, conte com nosso apoio e nossa prece,

Fraternalmente,

Padre João Mac Dowell, SJ
Presidente da XIV AGO

Telegrama de solidariedade ao VI Encontro Inter-eclesial das CEBS

Membros XIV ASSEMBLÉIA GERAL CONFERÊNCIA RELIGIOSOS BRASIL (CRB) reunida São Paulo saúdam Membros VI ENCONTRO INTER-ECLESIAL CEBS e companheiros 3ª Romaria Terra Trindade.

Estamos unidos vocês na Oração no anseio e luta pela transformação nossa realidade; solidários na Fidelidade ao Evangelho e Orientação Eclesial, no serviço mais pobres e oprimidos, no sofrimento e no martírio.

Auguramos bênçãos divinas e ótimos resultados trabalhos.

Padre João Mac Dowell, SJ
Presidente da XIV AGO

Carta aos Irmãos da Igreja de Oriximiná, PA

Aos queridos irmãos João, Manoel e Amélia e a todos os irmãos e irmãs que estão na igreja de Oriximiná, paz e alegria no Senhor.

Nossa XIV Assembléia Geral, reunindo seiscentos Religiosos vindos de todo o território brasileiro, recebeu comovida a carta em que vocês nos narram algo da dura realidade que estão vivendo ultimamente em Oriximiná.

Vocês estiveram muito presentes em nossa oração ao longo destes dias. O próprio tema de nossa reflexão — “Os Profetas bíblicos interpelam a Vida Religiosa” — nos levou a uma profunda comunhão com vocês e com todos os outros irmãos e irmãs que, em diversos lugares do Brasil, experimentam perseguição por causa do Reino de Deus. Estas situações que já levaram alguns dos nossos ao martírio nos encheram de preocupação. Mas, ao mesmo tempo, delas decorre para a Igreja e a Vida Religiosa um poderoso incentivo na linha das Bem-aventuranças dos discípulos de Jesus. O seguimento do Senhor passa pela perseguição, mas é caminho que leva com absoluta certeza à ressurreição e à vida.

Pedimos ao Deus de Jesus Cristo e ao Consolador que vocês possam experimentar nestes duros momentos a alegria da Páscoa e do lento caminhar do povo rumo à libertação que virá, pois Deus é fiel.

Mais que protestar junto aos poderosos que se armam contra sua palavra e testemunho, nós queremos

é testemunhar ante todos que estamos unidos a vocês porque reconhecemos em sua ação o espírito do Evangelho e o compromisso preferencial da Igreja com os pobres e oprimidos.

No amor e na paz do Deus da Justiça:

Padre João Mac Dowell, SJ
Presidente da XIV AGO

Carta à direção da revista VEJA

Os Superiores Maiores de mais de quarenta mil Religiosos do Brasil, reunidos na XIV Assembléia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil, em São Paulo, nos dias 21 a 26 de julho, manifestam seu total repúdio ao artigo “Cerco da Igreja” publicado em VEJA nº 931 de 09 de julho de 1986, contra a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e seu Presidente, D. Ivo Lorscheiter.

O escrito ofende publicamente pessoas da Igreja que lutam por uma sociedade justa e fraterna e pelo bem do povo, particularmente o mais necessitado e sofrido.

Conhecedores da CNBB e de sua atuação, os Superiores Maiores constatam que o artigo deturpa a verdade perdendo com isso sua legitimidade como fonte de conhecimento objetivo da realidade.

Finalmente hipotecam total solidariedade à CNBB, a seu Presidente e a sua ação, buscando seguir cada vez melhor suas diretrizes e orientações.

Padre João Mac Dowell, SJ
Presidente da XIV AGO

2. CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

UNIONE SUPERIORI GENERALI
Segreteria Generale

Roma, 14 de julho de 1986

Ao Rev. Frei CLAUDINO FAL-
QUETTO, FMS

DD. Presidente Nacional da
Conferência dos Religiosos do
Brasil

Caríssimo Fr. Claudino Falquetto,

O Conselho da União dos Superiores Gerais agradece seu amável convite à participação da XIV Assembléia Geral Ordinária da CRB, que terá lugar de 21 a 26 de julho do corrente ano.

Os abaixo assinados, Presidente e Secretário Geral da USG, sentir-se-iam particularmente felizes de participar dessa Assembléia, colhendo assim a oportunidade de tomar contato com os numerosos participantes de todo o Brasil e, em vista também da importância e atualidade do tema a ser tratado: **“A dimensão profética da Vida Religiosa”**.

Lamentamos de termos, ambos os dois, já assumido outros compromissos para essa mesma data. Todavia o Conselho da União tem o prazer de delegar, em nome da USG, o Rev. P. CALISTO VENDRAME, MI — Superior Geral dos Camilianos.

P. Calisto está ligado ao Brasil por laços de sangue e de coração, como também, há anos, vem colaborando ativamente com as múltiplas organizações da USG: Comis-

são teológica, Representação junto a “COR UNUM”, etc. Portanto, muito indicado para seguir, em nosso lugar, os trabalhos da CRB e trazer, em seguida, uma boa relação para os membros da União.

É-nos grata a oportunidade para agradecer a agilidade de colaboração com que sempre contamos junto dessa ativa Conferência que, sob muitos pontos de vista, serve de modelo para outras Conferências como: organização nacional, organização dos setores regionais filiados à organização central e, por sua vez, subdivididos em centros diocesanos.

Congratulamo-nos pela solidez de suas reflexões que tão bem transparecem na revista “CONVERGÊNCIA”, e pela atividade da equipe teológica.

A recente brochura, situada entre as últimas cronologicamente, porém não de menor importância, “Os profetas bíblicos interpelam a Vida Religiosa”, cuja tiragem de 20.000 exemplares, é um tocante exemplo de preparação à Assembléia geral e de difusão sistemática.

Estaremos unidos a V.R. e a todos nesses dias de reflexão, dias que visam pôr em relevo a profunda experiência de Deus de quem são testemunhas “os profetas”, porta-voz do Senhor.

Que nossa vida religiosa possa impregnar-se desta profunda experiência de Deus, a qual nos permite

(Continua na 3ª capa ao lado)

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de novembro de 1986

No mundo inteiro, são feitas restrições aos meios de comunicação de massa. O jornal, a revista, o rádio, o disco e, sobretudo, a televisão são vistos com desconfiança por intelectuais de diversas tendências, os quais, no entanto, por curioso que pareça, **são unânimes na prioridade ao livro.**

A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) não é uma editora, isto é, não mantém **atividade habitual** de editar livros e revistas. Mas de forma eventual, embora cíclica e programada, ela faz circular algumas obras seja em coedição, seja por iniciativa sua singular. São **títulos** catalogados em **PUBLICAÇÕES CRB** e, pelo testemunho coletivo, sempre apreciados porque atuais. Examine a terceira capa desta revista.

O livro é o mais decisivo divisor de águas em nível de informação, de cultura e de lazer. Com ele se ganha em altitude e seriedade. Derrota-se, por um lado, uma espécie de desconfiança em relação à intelectualidade e, por outro, se transcendem vagas considerações e até manifestações de vulgaridade. Se o livro não chega, ainda, a **ser uma prioridade**, em nossa vida pessoal e comunitária, certamente sua ausência é um complicador a mais.

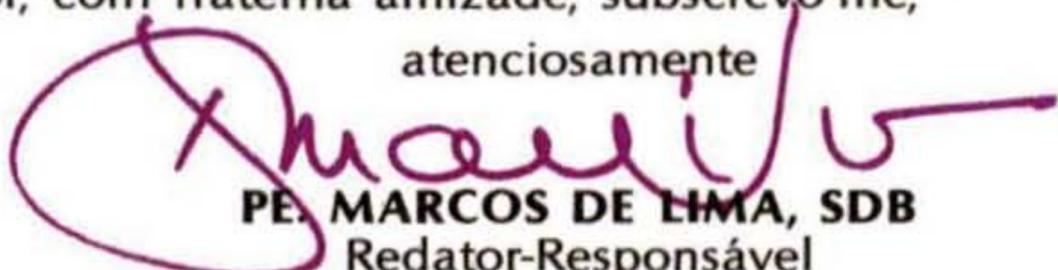
Para quem está empenhado num projeto de consolidação espiritual, **o livro é uma questão a ser revista com certa urgência.** A televisão toma todos os espaços. Torna-se uma experiência desconcertante. Por vezes nos sentimos encurralados por assuntos e temas apequenados. De repente, a ilusão de que tudo é show. Esta mentalidade apaga a autenticidade das pessoas e anula a autonomia do pensamento e do comportamento. Deus nos livre de um processo de avanço para um **point of no return** ou para o risco de nos transformar numa geração de vidiotas.

A finalidade última da leitura é fazer o leitor atingir uma **compreensão maior e melhor** das pessoas e do mundo. Torná-lo, portanto, mais humano, menos ignorante, menos mecanizado. O hábito de ler é uma forma privilegiada de aperfeiçoar o espírito, de conquistar espaços no momento histórico que se vive, de tomar consciência do tempo. O livro é permanente mecanismo de atualização das pessoas para que participem e influenciem no traçado da rota a ser percorrida pelo homem.

Ler ajuda a encontrar o sentido da vida ligado ao que cada um de nós tem de único e irrepetível. Ler dá energia à ação, audácia serena nas decisões, direção à força. Força sem direção é caos. Como **o livro verdadeiro supera o tempo**, seu manuseio comunica, também, a sensação e a certeza de que a própria finitude da vida humana, sua temporalidade, seu caráter irreversível — vai-e-não-volta — é nota constitutiva de seu sentido. Aproveitar, pois, ao máximo, cada um de seus momentos como **kairós**, tempo oportuno, denso e precioso.

Religioso(a), leia. Quem lê antecipa-se ao que vai acontecer e tem o espírito aberto ao mundo moderno que o livro reflete.

Sempre ao seu inteiro dispor, com fraterna amizade, subscrevo-me,
atenciosamente



PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável
Convergência e Publicações CRB